ANNO XXVII — N.º 17
Rio, 29 de Abril de 1933
PREÇO: 1$000
MC
933

O conto brasileiro

A historia pittoresca de Pafuncio Guedes

De Evagrio Rodrigues

PAFUNCIO GUEDES é um camarada que eu tenho.

Bôa alma e bom amigo. Intelligente, porém sem grande cultura. E' o typo do homem que nasceu para as aventuras. Sente-se bem dentro das coisas mais complicadas e arriscadas. E não se aperta! E' fatalista. E para tudo, com o seu genio folgazão, encontra uma sahida de mestre. E' insinuante. Sabe conquistar amizades e sympathias. Onde elle chega, devido ao seu genio bonachão e sua extrema bondade, muita gente ha que abuse de sua tolerancia.

* * *

Certa vez, Pafuncio Guedes resolveu fazer uma conferencia. Queria ganhar dinheiro com literatura. Para isso não sentiu desanimo. Annunciou a sua palestra durante muitos dias. Os jornaes falaram em seu nome. Não lhe faltaram adjectivos, assim como não lhe faltaram os "camelots" gratuitos: estes imaginavam atirál-o ao ridiculo!

* * *

Quando a esmola é muita o pobre desconfia. Pafuncio Guedes, deante de tanta amabilidade, ficou com a pulga atraz da orelha. Meditou, observou e percebeu a cilada que lhe preparavam...

Não teve receio, entretanto, de enfrentar fosse o que fosse. Estava disposto a gozar a perfidia. Elle tinha a certeza de que se sahiria bem. Sabia se arranjar com calma... E um dia (oh! dia memoravel!) Pafuncio Guedes surgiu deante de uma numerosa e selecta assistencia para realizar sua já decantada conferencia. Ao assomar ao palco, Pafuncio Guedes foi recebido sob applausos. E depois de saudado pela representante do bello sexo, o gorducho literato leu, sem o classico copo d'agua, trinta e tantas tiras dactylographadas sobre "O amor na poesia de Bilac."

Tudo foi muito bem. A platéa parecia empolgada. Mas, ao finalizar sua interessante e agradavel palestra, um estudante, por troça, começou a gritar do fundo da platéa:

— Biss! Biss!! Biss!!!

— Então, tua irmã se casou? E sabes si é feliz?
— Muitissimo! A unica cousa que a enfastia um pouco é o marido...

Pafuncio Guedes sentiu um calafrio por toda a espinha dorsal. O sangue correu-lhe rapido pelo corpo inteiro. Teve a sensação exacta de uma vertigem... Mas depois, tornando á calma, Pafuncio voltou novamente á scena e retrucou com a voz pausada:

— Tenha paciencia, moço: Onde é que o senhor já viu "biss" em conferencia!...

* * *

Na literatura, Pafuncio Guedes já está, como se diz vulgarmente, mas do que calejado. Conhece todas as emoções que a critica póde despertar e offerecer a um homem de letras, a um publicista. Pafuncio perdeu de ha muito aquelle pudor tão caracteristico nos estreantes. Para elle tanto faz ler um elogio á sua obra, como uma condemnação.

Sua estréa literaria deu-se com a publicação de um grosso volume de versos intitulado: "Esquecimento".

Esse livro (dizem as más linguas) é a caveira de burro das livrarias. Accusa uma differença enorme no balanço annual das *casas de sêbo*, e serve apenas para enfeitar as vetrines com a sua capa cheia de côres berrantes.

Tudo isso tenho ouvid falar do livro do meu distincto amigo Pafuncio Guedes. Em nada creio, parém, pois conheço bem a maldade humana...

* * *

Dizem ainda que Pafuncio Guedes, quando recebe uma

(*Continúa na pag. seguinte*)

A historia pittoresca de Pafuncio Guedes

(Conclusão)

visita, sempre o faz de braços abertos e com um sorriso cordial na sua cara redonda, como um nickel de quatrocentos réis. E, depois de offerecer ao visitante um calix de licôr e um cigarro turco, sempre se desfazendo em amabilidades — Pafuncio Guedes presenteia-o tambem com um exemplar de seu livro, acompanhado de amabilissima dedicatoria. As dedicatorias feitas por Pafuncio, conforme se propala, são as mais desvanecedoras possiveis, dessas que a gente não tem por onde fugir...

* * *

Pafuncio Guedes, certa vez apparentando alegria, queixava-se de seus amigos. Dizia elle que os seus amigos precisavam tomar phosphato, porque estavam perdendo a memoria... E concluiu, ironico, melancolico:

— Imaginem vocês, toda vez que recebo uma visita presenteio-a com um exemplar do meu li-

A patrôa. — Maria, avisaste á cozinheira que eu iria ajudál-a esta manhã?

A empregada. — Sim, senhora; e ella até mandou perguntar si a senhora não se incommodava em deixar isso para um outro dia, pois ella hoje tem muito o que fazer.

OS PERIGOS DO BEIJO

O beijo que tem dado logar a verdadeiras litteraturas, exaltado e glorificado pelos poetas de todos os tempos, esbarra ás vezes, com toda a sua poesia, deante do olhar frio e rigido de um scientista ou de um indifferente. Medeiros e Albuquerque cita, numa das suas conferencias, a definição prosaica de certo medico inglez: "O beijo é a juxtaposição dos musculos orbiculares do orificio buccal em estado de contracção". Os japonezes e chinezes não beijam. Não é de espantar a definição de um famoso mandarim: "o beijo é uma cortezia singular que consiste em aproximar os labios, produzindo um som especial."

Essa inacreditavel impassibilidade deante do beijo parece egual á de certos hygienistas modernos que não se cansam de clamar contra os perigos do beijo, como transmissor de molestias contagiosas. A velha

vro. Palestramos, falamos disto e daquillo. E ella, quando se retira, sempre o deixa lá. Isso só posso attribuir a um esquecimento, a uma distracção. Eu tenho innumeras relações, tantas quantos os livros que estão lá em casa inutilizados. E' pelos livros encostados e assignalados pelas dedicatorias, que conto as visitas que recebo durante o mez para depois retribuil-as. Isso não pode continuar. Meus amigos precisam tomar em conta o meu prejuizo! E é nisto, simplesmente nisto, que reside a minha mágoa, esta mesma mágoa que ás vezes disfarço num sorriso...

* * *

Ha muito tempo que não vejo Pafuncio Guedes. Sei que elle está fazendo jornalismo no interior, onde, talvez, se esqueça da literatura.

Mas, escrevendo a sua historia pittoresca, eu fico pensando, longamente, demoradamente, nos Pafuncios que existem pelo mundo e que nunca mereceram commentarios algum, nem uma historia, por mais ridicula que seja...

— Não posso comprehender como te negas a emprestar-me uma quantia dessas. Um amigo deve estar sempre disposto a ajudar ao outro.

— Concordo; mas o caso é que você insiste sempre em ser o outro.

humanidade sorri e o mundo continúa a marchar. Não é por taes ou quaes perigos que o homem se acovarda... Mas já que estamos deixando o terreno da poesia para cair no prosaismo da vida, se nem sempre o homem recua deante da possibilidade quasi metaphysica de uma troca maior de bacillos, muitas vezes recua quando a hygiene, pelo menos apparente, de certos labios muito desejados, se annuncia á distancia como negativa... Isso, como declarava sorrindo uma escriptora americana, é o que mais justamente provoca apprehensões. O homem não se impressiona com os perigos do beijo, mas treme deante do perigo de não beijar... Perigo que, sejamos materialistas, reside mais na falta de hygiene que na muita resistencia da outra parte. Gessy, no caso... Escova em acção! Se o beijo é um mal necessario, dos males o menor... Que elle seja dado! Que a falta de hygiene não nos prive delle, para aproveitarmos bem o salutar conselho de Miss Patrick.

O ANNEL DO PASSADO

O que é certo, papae, é que nos amamos — disse Henrique ao sr. Bergail.

— Os moços dizem sempre o mesmo. E ás vezes não pensam no que dizem.

Como Henrique fizesse um gesto de protesto:

— Bem... bem... Admitto que se amem. Agora, dize-me o que faz tua noiva?

— Trabalha... Dá lições...

— Muito romantico... Parece um romance sentimental... Onde a conheceste?...

— No bonde...

— Oh!... Isso já é mais moderno, embora não muito recommendavel. Conhecer uma moça na promiscuidade de um bonde...

— Hoje, goza-se de maior liberdade do que em seu tempo. Quando se encontra todos os dias uma moça que não tem quem apresente, procede-se sem intermediarios e se lhe diz que seria uma felicidade tel-a como companheira para toda a vida.

— E, naturalmente, essa maravilhosa moça te respondeu que consultaria a seus paes.

— Não, porque é orphã e vive em casa de uma familia amiga.

— E' o que digo: historia de folhetim. Pensa, rapaz, que te reservava outra coisa...

— Penso, meu pae, tambem, que me queres vêr feliz...

— Serias feliz com uma mulher com quem te casasses contra minha vontade?

— Oh! meu pae!... Será possivel!

— Olha, Henrique, já não és creança. Sabes o que fazes. Não me julgo com o direito de negar meu consentimento e te amaldiçoar, como no seculo passado... Casa-te, si assim o desejas; não impedirei... mas tambem não serás tu que me obrigarás a vel-a e a conhecel-a... Não me interessa...

— O que dizes é horrivel!...

— Reflecte, filho. Ainda é tempo... Na tua idade, tudo é passageiro... Porém, ás vezes, mais tarde se agradece ao destino ter collocado em nosso caminho um obstaculo salvador...

— Juro que si...

— Já esperava esse juramento... Tanto mais que já fiz o mesmo com meu pae.

— Então, deves comprehender...

— Comprehendo que os paes impeçam os filhos de commetterem uma tolice; assim fez o meu... Fez tudo para evitál-a... Era uma moça de quem estava loucamente apaixonado e não pertencia á mesma esphera social... Quando falei a meu pae, disse-me elle: "Supponho que não é o meu consentimento que pedes, pois sei que farás o que já resolveste. Participas-me simplesmente um projecto que desejas realizar... Neste caso, faze o que achares melhor... Porém, está tudo terminado entre nós. Parece que falo claramente... agora sabes o que tens a fazer..." Respondi a meu pae que nada me faria renunciar á mulher a quem amava. Sahi batendo as portas e fui vêr minha noiva. Repeti-lhe as palavras de meu pae, dizendo que não se preoccupasse com isso. Já que era preciso escolher, eu a escolhia, dedicando-lhe toda minha vida. Nosso amôr era bastante forte para desafiar a todos... Pensei que minha noiva ficaria contente e agradecida... Nada disso... Muito tranquilla me respondeu:

" — Meu caro amigo, não deves aborrecer teu pae.

" — Como?... E' toda tua resposta?... E' esse o amôr que me tens?

" — Amo-te, amo-te sinceramente. Porém, não deves romper com teu pae, porque...

" — Por que?!...

" — Porque um pae não póde ser substituido..."

"Foi tudo o que ella disse. Pensei que meu sacrificio exaltaria o seu amôr; ao contrario, esfriou. Acceitára uma solução sem perigos, sem rancor. Ante uma responsabilidade, retrocedêra. E, como permanecesse mudo, aterrado ante o desvanecimento dessa ventura, que só fôra uma illusão...

" — Toma... devolvo-te o annel que me déste..."

"Retirou o annel do dedo e m'o deu. Era um annel modesto, com uma turqueza. Meu coração se espedaçou. Tudo terminará entre nós...

" — Não! — gritei... — Guarda o annel; talvez um dia possamos ser felizes.

" — Como queiras — disse, com sua voz tranquilla."

"Não nos vimos mais. Vivi muitos dias em alternativas de esperanças e desanimos.

"Pensei que me chamasse; desanimei, sem a menor noticia della.

"Passou o tempo. Consolei-me... Casei-me com tua mãe, que foi uma meiga companheira e que Deus me levou muito depressa.

"Eis ahi minha historia. Teu caso é o meu.

"Agora, meu caro Henrique, pódes dizer á tua amada que te casas contra a vontade de teu pae."

Com voz perturbada, Henrique respondeu:

— Não prevendo a tua resposta e opposição, ao contrario, estava certo do teu consentimento, e a trouxe commigo. Está na sala... Espera anciosamente...

— Bem — respondeu o sr. Bergail; falarás com ella... Oh! tranquilliza-te!... Nada lhe direi que possa ferir seu amôr proprio.

O sr. Bergail passou á sala, acompanhado de seu filho, abatido. Inclinou-se gentilmente, tomou as mãos da moça e as levou aos labios. De repente, seus olhos pousaram sobre um annel, com uma turqueza empallidecida, que julgou reconhecer:

— Menina — disse, com voz tremula. Perdôe minha indiscreção... Este annel... Ha muito tempo que o possúe?

— E' uma lembrança de minha mãe: Antes de morrer, tirou-o do dedo e o pôz no meu, pedindo-me que o conservasse para sempre.

O sr. Bergail não abandonára ainda a mão da moça. Sem dizer uma palavra, a collocou na mão do filho.

Que palavras poderia pronunciar ante a inesperada revelação?...

ANDRÉ VELT

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

SCENA VII

Claudio e Benedicto

Benedicto. — E' uma furia a sua irmã.

Claudio. — Nem a mamãe póde com ella.

Benedicto. — Gosto de uma garota assim, viva e intelligente, palavra!

Claudio. — E depois?

Benedicto. — Depois... O'ra depois! Acabo me apaixonando.

Claudio. — Não acredito. E' você incapaz de amar.

Benedicto. — Acha?

Claudio. — Sim.

Benedicto. — Tem razão. Eu amo. Amo a todas as mulheres. Uma só, não! Só mesmo um imbecil como você e outros se prendem a uma unica.

Claudio. — Meus agradecimentos.

Feminista

(Continuação)

Benedicto. — Agradeça est'outra: o amor está na variedade. A mulher, meu caro, é um jogo de bilhar: si sabemos dar bôas tacadas, ganhamos a partida n'um instante: si não sabemos, melhor é desistir...

Claudio. — E que mais?

Benedicto. — Falando sério: eu quizéra amar e possuir u'a mulher como um bibliographo ama e possúe um livro luxuoso e raro...

Claudio. — Impossivel! A lei basica da vida é crescer e multiplicar.

Benedicto. — Penso que, si Eva adivinhasse, não teria colhido a maçã; colhendo-a, perdeu o Paraiso e...

Claudio. — Ganhou o amor.

Benedicto. — Ou o que os homens convencionaram de indi... com o nome de amor e que t... por ponto final o tédio.

Claudio (pensativo). — Que ... acha a amiga de minha irmã... Lenita?

Benedicto. — Nem a acho mu... bem, nem muito mal e não di... della nem bem, nem mal.

Claudio. — Responda-me cla... mente.

Benedicto. — O elogio, si f... grande, não ficará conforme co... a sua pequena estatura. Si f... pequeno, em desaccôrdo esta... com o moreno delicioso do se... rosto.

Claudio. — Parece-me digna ... attenção.

Benedicto. — Toda mulher é d...gna de attenção: a feia por ... julgar bonita: a bonita por ser va...dosa.

Claudio. — Você, quando não ... páu, mette-se a engraçado.

Benedicto. — E você, si não e... tá dormindo, está a devaneiar... Bastam uns olhos bonitos para ... impressionar.

Claudio. — Conheço Lenita nã... é de hoje, mas só hoje, não se... por que, lhe notei "um que"... que...

Benedicto. — Que, que, que?... Si, ao menos, servisse o amor par... arrancal-o dessa indifferença, des...sa preguiça intellectual...

Claudio. — Ainda?!

Benedicto. — Si o amor lh... incutisse confiança em si, valia ... pena que Cupido o ferisse com a... suas settas, e, depois, ás risadas... dissésse, como nos versos de Ana...creonte:

"Permitte me ausente
"Meu arco está são...
"Quem fica doente
"E' o teu coração!"

E agora vamos dar um curt... giro.

Claudio. — Vamos.

(Sahem).

SCENA VIII

Entram Lenita, Beatriz e d. August...

Lenita. — Cá já não está nin...guem.

D. Augusta. — Seu irmão sahiu...

Beatriz. — Penso que sim. Dev... ter sahido com o malfadado Be...nedicto.

Lenita. — Você judiou com o po...bre moço.

Beatriz. — Elle já se habituo... ás minhas delicadezas... E' mai... palrador do que sogra ranzinza.

Lenita. — Bem sympathico que elle é!

Beatriz. — Acha? Eu não.

D. Augusta. — O peixe morre pela bôcca.

Beatriz. — Quando não é arisco. Si o fôr, agarra as minhocas sem morder a isca.

D. Augusta. — Quem gosta de bater, não tarda a apanhar.

Lenita. — Ella tambem levou as suas lambadas.

D. Augusta — E outras tantas levará até que, si lhe viérem a faltar, a falta sentirá.

Beatriz. — Pretenderá a senhora insinuar que acabarei amando Benedicto?

D. Augusta. — Por que não?

Lenita. — Fariam um bello par.

Beatriz. — Que Deus me livre de um marido é mercê que lhe peço todas as noites, ao me deitar.

Lenita. — Pois eu peço a Deus justamente o contrario.

Beatriz. — Si você fôr attendida, faça bom proveito.

Lenita. — Claro!

D. Augusta. — A mulher veiu ao mundo não foi para fazer concorrencia aos homens no commercio ou na politica, nas letras ou nas academias: ella só veiu ao mundo para ser esposa e mãe.

Beatriz. — Idéas passadistas.

D. Augusta. — Si são ou não passadistas, ignoro. O que não ignoro é que fóra do lar a mulher perde cincoenta por cento de seus encantos. O lar é para a mulher o que é o "espirito do cortiço" para as abelhas: uma necessidade imprescindivel.

Lenita. — De accôrdo.

Beatriz. — Protesto! O lar é um carcere.

D. Augusta. — Um ninho, onde a mulher é a companheira e o estimulo do homem.

Beatriz. — Do egismo. Homem é egoismo e vice-versa. (*Attendendo ao telephone, que chamou*) Alô!... E'!... E', sim!... Você não vem jantar?... Justamente hoje, que a Lenita é nossa conviva. Bom!... Vem, não é?... Esperaremos. (*Desligando*) — E' o Claudio. Disse que não vinha jantar.

D. Augusta. — Não vinha?

Beatriz. — Resolveu o contrario, quando lhe disse que a Lenita janta comnosco.

D. Augusta. — Muito bem!

Lenita. — Quanta honra!

Beatriz. — Meu irmão gosta de uns olhos bonitos.

Lenita. — Tem bom gosto. Pena é que os meus o não sejam.

D. Augusta. — Faz-se de modesta para ganhar um elogio? Si assim é não lh'o regateio: os meus têm a meiguice que eu quizéra encontrar na minha futura nóra.

Beatriz. — Lenita daria uma esposa modelo.

D. Augusta. — Estou certa de que sim.

Beatriz. — E como gosta do casamento...

Lenita. — De amor! Sem amor, não!

Beatriz. — Amor!... Não haverá possibilidade de morrer Cupido, um dia.

D. Augusta. — Elle, o felizardo!, não envelhece E' sempre o garoto travesso e maldoso que eu conheci.

Lenita. — Si fosse só travesso. Vá! Mas é cruel, dizem!...

Beatriz. — Eu acalento a esperança de que elle venha a adoecer e recorra a um medico: morre na certa!

Lenita. — Você!

D. Augusta. — E' terrivel! Nem parece minha filha.

Beatriz. — E de meu pae parecerei?

D. Augusta. — Um pouco...

Beatriz. — Um pouco é menos do que muito e mais do que nada, não é?

Lenita (*séria*). — Não.

(*Continúa na pag. seguinte*)

Feminista

(Conclusão)

Beatriz (advinhando). — Não?

Lenita. — Si um pouco é menos do que muito, muito é mais do que um pouco; um pouco, sendo, mais do que nada, quasi nada é! Entenderam? Nem eu!

D. Augusta. — Quando digo um pouco, é porque nem todas as verdades se devem dizer.

Beatriz. — E quasi todas as mentiras são ouvidas com satisfação, não é senhor meu irmão?

D. Augusta (voltando-se para Claudio, que entra). — Já?

SCENA IX

As mesmas, Claudio

Claudio. — Sim. Já.

Beatriz. — E sem o Benedicto. graças!

Claudio. — Recusou elle o convite que lhe fiz. *(A Lenita).* Então você vae proporcionar-nos o prazer de sua companhia.

Lenita. — Não.

Claudio. — Assegurou-me Beatriz.

Lenita. — Beatriz mentiu: o prazer sou eu quem terei em jantar com um intellectual.

Claudio. — Não lhe gabo o gosto.

Lenita. — Vocês poétas sabem dizer tão lindas phrases...

Claudio. — Com a penna na mão. A viva voz, somos de uma pobreza de espirito lamentavel.

Lenita. — E por que se me faz favor?

Claudio. — Porque a timidez não é o menor dos nossos defeitos.

Lenita. — Fica bem a timidez no poéta. Eu sou uma Colombina que gosta de sonhar nos refolhos negros e sentimentaes de um olhar de Pierrot...

Claudio. — Não prefere ao sonho de Pierrot o beijo de Arlequim?

Lenita. — Oh!... Não!

Beatriz. — Q u a n t a tolice! Escutem-me, meus côios: um sonho de Pierrot é sonho bôbo de piéguismo; um beijo de Arlequim é como todo beijo: anti-hygienico.

Lenita. — Ne mum, nem outro lhe apraz?

Beatriz. — Tal qual!

Claudio. — Você, mana, é feminista e toda feminista é como a mulher velha ou feia, que ficou solteirona: diz mal de tudo e de todos.

D. Augusta. — Exactamente. Entre o engulir a hostia na mesa de communhão e o café matinal, repete dez ou mais vezes: "Que Deus me perdôe! Não é por falar mal, mas fulano...

Claudio. — Muito bem, mamãe! *Muito bem!*

(Da "A comedia dos pares", em tres actos, a publicar.)

SIDEREA ENAMORADA

Quando eu era pequenina
Vivia mirando o céo,
Esperando um não sei quê...

Si era um vestido bonito,
Si uma boneca de louça,
Si um estilhaço de luar,
Si...

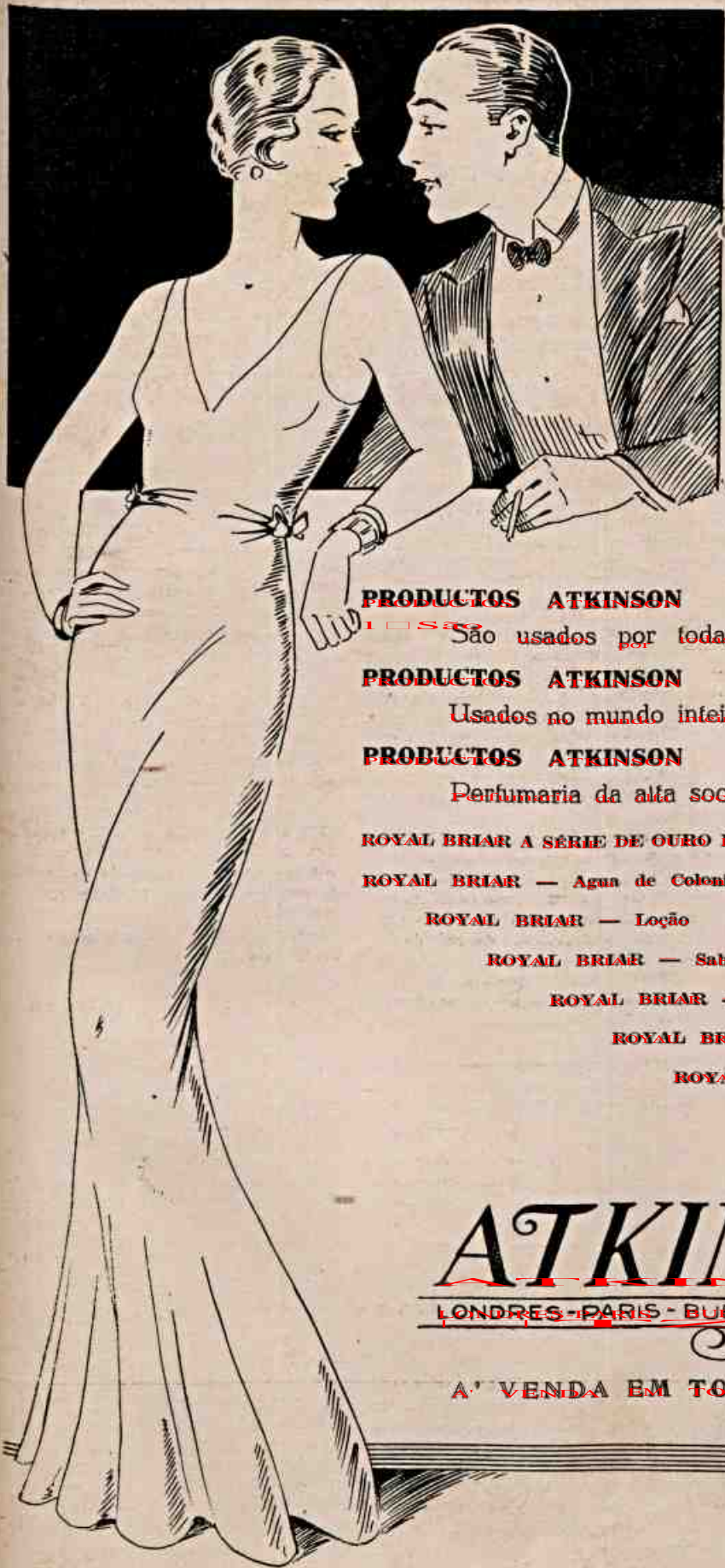
Corria o tempo, corria...
Annos fugiam em bando
E eu sorria
Olhando
O céo...

Sempre que a noite, estendendo
O véo,
Peneirava estrellas,
Eu pulava para vêl-as
Na esperança
De alcançar
Meu brinquedo de creança.

Fui crescendo,
Fiquei moça,
Voltada para o infinito,
Esperando um não sei quê...

De tanto fitar meus olhos
Nessa cupula de anil,
Penetrei nos seus refolhos
Em noite primaveril.

E foi apanhando estrellas
Que eu me encontrei com você...

CORINA REBUÁ

PRODUCTOS ATKINSON
São usados por todas as senhoras elegantes
PRODUCTOS ATKINSON
Usados no mundo inteiro ha mais de 100 annos
PRODUCTOS ATKINSON
Perfumaria da alta sociedade
ROYAL BRIAR A SÉRIE DE OURO DAS PESSÔAS DE FINO GOSTO
ROYAL BRIAR — Agua de Colonia.
ROYAL BRIAR — Loção
ROYAL BRIAR — Sabonete
ROYAL BRIAR — Brilhantina
ROYAL BRIAR — Pó de Arroz
ROYAL BRIAR — Bandolina
ROYAL BRIAR PERFUME
ATKINSON
LONDRES - PARIS - BUENOS AIRES - RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

ROMULO (Pernambuco) — Antes de tudo, vamos á sua carta, caro conterraneo. Eil-a, sem tirar nem pôr:

"Caro Yves: Depois de algum tempo de ausencia, aqui estou. Fui obrigada a me entregar um pouco ao mutismo, como você me aconselhou. Eu era, apenas, um monoideista quasi intoxicado, e que, criminosamente, intoxicava-o tambem. Confesso, Yves.

A vida, meu amigo, é uma lucta tenaz para melhorar. Por isso, o meu mutismo foi uma analyse de mim mesmo, de minhas possibilidades. Em uma palavra, Yves, estudei. Procurei corrigir-me. Não quiz mais lhe apresentar as minhas imperfeições.

Mas, uma duvida ainda me resta: corrigi-me de verdade? Consegui ser mais perfeito? E' isso o que eu desejo saber.

Eu sei que você terá notado a minha duvida, ou esta falta de confiança em mim mesmo. Não leve isso em conta de uma fraqueza. Porque, meu caro, nunca sabemos valorisar ou dar opinião sobre o que fazemos. E si, por acaso, somos o nosso proprio critico, muitas vezes a nossa opinião é benevolente de mais.

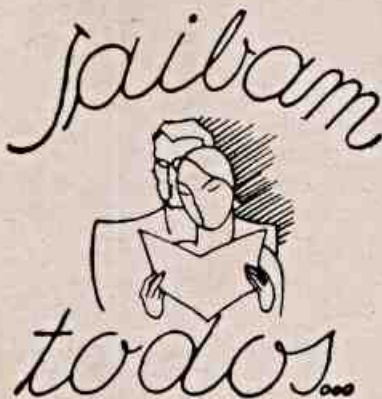
E — eu creio — devemos sempre pôr em nossa frente um obstaculo a vencer. Nunca devemos nos julgar perfeitos.

Eu estou ao lado de quem vio na Gloria, um mal para a producção litteraria. A perfeição é estática. E eu amo o dynamismo intellectual... O dynamismo de quem quer ser perfeito, sem nunca sel-o, absolutamente.

Sejamos perfeito algumas vezes, mas nunca sempre. A revelação sempre pareceu superior á victoria premeditada.

Yves, eu desejava não tel-o aborrecido com esta carta, talvez demasiadamente franca, e, por isso mesmo, presumpçosa. Mas receio muito que, acontecendo isso, não succeda o mesmo com os trabalhos que lhe envio. Você terá tempo de lel-os, e espero que elles terão uma critica justa.

Em todo caso, meu caro amigo,

Saibam todos...

seja qual fôr o destino dos meus trabalhos, eu serei persistente, como sempre, e, desde já, agradeço o interesse que você possa ter por qualquer delles.

Eu o chamei muito de "amigo". Perdôe-me, se me permitti a leviandade de exteriorizar esse desejo. A amizade é um sentimento espiritual, expontaneo.

E eu quero que você me tenha como um amigo sincero. Até outra vez. — *Romulo.*"

Não me recordo nada do sr. Mas, pelo que me diz, quero crêr que já foi, ou é leitor desta pagina. Noto tambem que é praticante (?) de poeta... Já fez ensaios e ainda receia não estar sufficientemente ensaiado (?) para se apresentar ao publico exigente e cruel.

E como o sr. declara que deseja ser meu amigo sincero, — por meu turno desejo corresponder á sua bôa amizade, fazendo notar que ainda deve estudar outro tanto, e praticar para homem de letras, mais alguns pares de annos.

A literatura é uma especie daquelle jogo infantil, que se chama — "chicote queimado."

O sr. me pergunta de lá:

— Está "quente"?

E eu lhe respondo:

— Ainda está "frio"... Mas, vae "esquentando"... Paciencia.

MUCIO DA VEIGA (Ceará) — Meu caro poeta. Agradeço as palavras que me dirige. Atenderei o pedido dos seus versos.

Quanto á remessa do meu romance, é um pouco difficil, pelo facto da edição não me pertencer. E o sr. ha de convir em que, si eu, para merecer a honra de ser lido nos Estados, pelos collaboradores do FON-FON, tivesse de enviar um exemplar de meu livro a cada um delles, o melhor seria distribuil-o, como si faz com programmas de cinemas, e não vendêl-os ao editor.

Devo lembrar ao caro confrade que eu, Yves, podendo ser util a certos autores, com uma bôa reclame de suas obras, nem sempre recebo a homenagem da offerta dos seus livros. E si elles me interessam, — o que é commum, uma vez que um escriptor moderno deve conhecer tudo que se relacione com as letras, em geral, — e si elles me interessam, repito, eu os adquiro sem mais preambulos. Porque assim cumpro um dever literario, satisfaço um prazer e uma curiosidade e auxilio um autor que, afinal, faz os seus livros para os vender. Pelo menos, para não ter prejuizo com a sua publicação.

No Brasil ha o feio vicio de se querer tudo de carona. Principalmente livros. Um leitor compra uma obra, mas commette o crime de emprestál-a a todo mundo.

Por que? Os musicos vendem as suas producções. Os pintores cobram fortuna pelas suas telas. Os esculptores — idem. Os cantores se fazem pagar caro para gravar, em discos, os seus cantos. Por que só os escriptores hão dar os seus livros de graça?

E, no caso do sr., o facto é hilariante: quer que lhe ajude a fazer o seu nome, publicando os seus trabalhos, mas esquece que o dever de quem recebe é dar alguma coisa... O sr. prova com isto que é egoista.

Desculpe a franqueza. O meu feitio é este. Para que prometter-lhe mundos e fundos, e nada fazer, após a minha promessa? Não sou hypocrita e tenho horror a insinceridade — quando esta não deve ser posta em pratica.

JOSE' SILVA (Capital) — O sr. me escreve, no dia 1.° de abril, e confessa que o faz, como quem prága uma peça... a si mesmo... Mas, não!

A peça...

Passemos á sua missiva. Dois pontos: (Lá vem bobagem)...

"Yves, bom dia. Desde certo tempo, tenho tido desejo de que uma pessoa competente analyse alguns versos, dos que ando fazendo. Li o FON-FON. Veiu-me, então, á cachola a idéa, aliás, ousada, de lhe escrever, enviando um exemplar, das minhas composições. São quatorze versos, que arrisco denominar: soneto, (hoje, é 1.° de Abril, muito commigo mêsmo, não é verdade?). Pois bem, aguardarei a saida do FON-FON, para ter a satisfação de ler no "Saibam todos", a critica do meu escripto. Tenho 18 annos. Móro aqui no Rio. Minha profissão é amolar os outros, portanto, acabo de cumprir o meu dever. Então, illustre poeta, até outro dia. Chamo-o assim, já o conheço, não se zangue pela familiaridade, conheço todas suas obras, e, portanto o creador: você. — *José Silva.*"

Agora, vem o *monstro* a que o sr. se "arrisca" de chamar *soneto*...

FOLHAGEM

Nova estação que nem tudo en-
[verdece,
arvores se colorem de Esperança,
aguardando, entre verde-escura
[mésse,
o natal das corólas na alta trança.

Vão-se os dias madrugando, e appa-
[rece
o primeiro botão, immácula
[creança —
que sorri, e em flôr se abre, e
[quando cresce
trescala aróma em flux á briza
[mansa.

Folhagem... leve escama, macio
[manto
das galhas, ontem núas, hoje ves-
[tidas,
respirando amanhã, perfume santo.

Folhagem... esperança que a alma
[invade,
e ás petalas do amôr dá vãs gua-
[ridas,
serás um dia cadentes de saudade.

José Silva.

Ora, de tudo isso se deprehende o seguinte: *Primeiro* — O sr. não se *bleffou* a si mesmo, com o 1.º de abril. O sr. bleffou foi a mim, uma vez que o julguei poeta, e o sr. não passa, — de accôrdo com a sua declaração — de um "amolador" profissional.

E' desagradavel lidar com um "amolador", que préga peças de 1.º de abril...

Já que se compraz em "amolar" os outros, vou vêr si lhe arranjo um boi...

Assim, quando o sr. vier novamente me dizer que a sua profissão é amolar, eu lhe poderei responder: — "Vá amolar o boi"...

Gostou, poeta?

LEDA DE LOURDES (S. Paulo) — Muito agradecido pelas amabilidades que teve para commigo.

Quanto ao resto, devo dizer que é assumpto confidencial. Só interessa á minha pessôa. Motivo porque não lhe posso dar a resposta que me pede, por esta pagina.

O que me escreve, o publico ignora inteiramente; ao passo que si lhe respondesse por esta secção, toda gente se inteiraria do assumpto, que só diz respeito a nós ambos.

Não acha?

ROSSANOFF (Alagôas) — Como poeta, o sr. não terá necessidade de escrever poesias; basta escrever cartas. Como prosador, porém, o sr. precisa de ser poeta, afim de não conceber tanta semsaboria.

Por hoje, apparece aqui o prosador. Ou antes, o epistolographo, o missivista, o homem que escreve cartas, não á maneira de mme. Sévigné, nem Jacopo Ortis, nem Soror Marianna, mas no estylo tatibitati do estrangeiro que se propõe a escrever em portuguez, antes de cursar uma escola brasileira...

Eis a sua missiva:

"Sr. Yves. Cordiaes saudações. Ha annos que sou um assinante, e assiduo leitor do singular FON-FON mas, nunca tive coragem de me dirigir ao sr. devido a minha pouca inteligencia.

Mas na vida do homem surge sempre a figura imparavel da mulher que domina o que ele faz tudo que la quer. E ahi, esta a minha historia, porque fiz este poema quasi sem rimas a beira do mar pela um madrugada linda!

O outro um efeito de Carnaval! ou mesmo das lanças perfumes.

E está metida na historia sempre a mulher.

Tenho pela imaginação ver suas mãos delicadas amassar a minha consulta ir seguir o caminho que muitas ja seguiram.

Se assim achar faça-o sem cerimonia, porque será uma lição para mim, e procurarei caprichar na proxima vez.

Usarei o "pseudonio" de Rossanoff, por conviniencia de curiosos que existe por aqui.

Aqui sempre ao seu dispôr. Um amigo e admirador. — *Rossanoff.*"

GUIDO (Capital) — Não, poeta. O sr. me pede que, no caso do seu soneto não servir, não o levar no ridiculo na secção do "Saibam todos..."

Tenha paciencia. Os senhores não têm pena de mim. Investem, contra a minha pessôa, armados, até os dentes, com poemas do tamanho de um bonde. Não me deixam respirar. E' verso e mais verso de pés quebrados. Estragam a minha alma com pieguices de toda sorte. Empanzinam-me. Causam-me indigestões literarias. Não me permittem engordar um kilogramma...

Ora, é justo que me vingue dos senhores... levando-os ao pelourinho, ou antes á cadeira electrica... da "cesta"...

E' para exemplo dos "outros"... dos poetastros que me querem assaltar, ali, á esquina, com o bolso cheio de tiras, contendo versalhadas e xaropes... lyricos, em dóses de sonetos horriveis...

Não, senhor! Vae para a "cadeira electrica"... E vou convidar as leitoras bonitas do "Saibam todos..." para assistirem á sua "electrocução"...

Silencio! Vae começar a obra da justiça...

"Sr. Yves: Perdôe este poéta, cujo unico mal é vir pleitear a seu lado um cantinho de FON-FON para alguns versos que "come-

Pensei muito antes de mandar-lhe as minhas rimas, que talvês tenham o destino triste de ir para a cêsta, porém, leitor antigo da revista onde brilha a sua secção, reconheci-me (não note a imodéstia), reconheci-me, dizia, um pouquinho melhor poéta do que muitos daquêles que o seu dedo inflexivel de juiz condena a manter-se mudos, a bem das letras e da sua exáusta paciência.

Assim, sr. Yves, peço-lhe que, se os dois sonetos que lhe mando não forem dignos de FON-FON, não se dê ao trabalho, dolorosissimo para mim, de criticá-los no "Saibam Todos..." Não; suplico-lhe que ponha ali unicamente estas palavras que já são dura vergastada na minha musa ingráta: "Amigo, desista", ou cousa parecida.

Disponha deste seu admirador Guido."

Eis o soneto:

CINZAS DE AMOR

Por Deus jurei-te amor. E toda
[minha vida
Te prometi sonhando de felicidade.
... Hoje chóro a ventura que, por
[nos perdida,
Transformou-se no fel da nossa
[mocidade.

A ti, que importará, porém, minha
[querida?
Poderás ainda amar, sorrir da
[crueldade
Que fez se desfazer a rosa emmur-
[checida
Das nossas ilusões ardentes de
[amizade.

Mas este peito meu, outrora feito
[ninho
De tanto puro amor, de tantas
[fantasias,
Hoje será tristonho, hoje será so-
[sinho,

Porque, dos nossos sonhos de ilu-
[são fervente,
Restam somente em cinzas apaga-
[das, frias,
Teu doido coração, meu coração
[descrente...

....

(Continúa na pag. seguinte)

Que susto, hein poeta? Pensou mesmo que ia para a cadeira electrica? Vejo-o pallido, as olheiras roxas, profundas, alisando os cabellos para traz, respirando offegante...

Estou brincando! Não tenha medo que o sr. nada soffrerá, como poeta. Póde continuar a fazer os seus versinhos de pés aleijados... Não será por isso que o "assassinarão"... apezar do sr. ser um grande "assassino" (!!) da bôa poesia.

E, agora, adeusinho. Póde voltar no sabbado vindouro, pois as leitoras bonitas desejam applaudil-o com enthusiasmo... e silencio...

CARIOCA (Capital) — Eis porque adoro as cariocas: são leves, graciosas, engraçadinhas, quasi sempre futeis, mas intelligentes e deliciosas camaradas.

Não sei si v. ex. é, de facto, carioca. Si o é, representa uma bella excepção. Sabe por que? Porque, parece ser engraçadinha, excellente camarada, intelligente e, si não é gorda, — 70, 80 ou 90 kilos — ha de ser leve e graciosa, como uma carioca legitima...

Que diz?

Eu, por mim, não direi nada mais. Frisarei, tão somente, que v. ex. me impressionou, magnificamente, com as suas palavras amaveis e a sua cortezia.

Vejo que é muito platonica. Isso a julgar pelos termos finaes de sua carta verde, muito verde, como as uvas da raposa de La Fontaine...

E quando quizer, não faça cerimonia: a casa está ás ordens... E' só ver os telephones, ao pé, nos coupons desta pagina.

E lembranças áquella pequena alourada, da praia de Copacabana, muito sua amiguinha... Si ella não é loura, é porque é oxygenada; e si não é oxygenada, é porque é morena; e si não é morena, será clara sem duvida e caso não a considere clara, é natural que a julgue preta... Mas, si a moça não é preta? E' porque não existe.

E, de facto, ella não existe. Metti-a no meio desta resposta, somente para ter o que escrever...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 29 - 4 - 933

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

.. ..

Si não gostou, queira ser franca commigo.

Sim? Arranjarei assumpto mais humoristico...

MUNECA GAUCHA (R. Grande do Sul) — Oh! E' gentilissima a sua cartinha. E fico encantado com as suas expressões amabilissimas...

Como me pergunta porque gosto das gauchas e das paulistas, direi:

A) — porque as filhas dos pampas são bonitas, resolutas, nobres, sinceras, francas, embora violentas, por vezes, nas suas attitudes;

B) — Gosto das paulistas porque, além de bellas, são cultas, leaes, distinctas, amorosas, dedicadas, prodigas e voluntariosas. Fazem o que querem; ágem como entendem. E quando dizem — sim — é sim; quando dizem — não — acabou-se.

Conheço bem as paulistas. Frequentemente, sou visitado por ellas. Portanto...

Quanto á historia do bigodinho, declaro que não o uso.

Para que? Qual a utilidade delles? O resto, porém, não póde ser por esta secção. E' assumpto que não póde ser tratado nesta pagina. Si me dér seu endereço — talvez... De outro modo — não.

Yves

SEARA ALHEIA

A Viagem de uma fada

Encontrei uma bôa fada que, apezar de sua edade, corria como uma louca.

— Senhora, onde vae com tanta pressa?

— Não me chames — replicou. — Faz muitos seculos que eu não vinha pelo mundo e não comprehendo o que succede. Offereço a belleza ás jovens, o valor aos moços, a sabedoria aos velhos, a saúde aos enfermos, emfim tudo que é bom e que uma fada bemfazeja póde offerecer. E todos recusam meus beneficios. — Tem você ouro e prata? — perguntou-me. E' só o que precisamos. — Ao ouvir isso, deitei a correr temendo que as rosas dos outeiros me peçam atavios de brilhantes e que as borboletas multicôres manifestem o desejo de ir pelos prados em carruagens.

— Nada, nada disso, bôa senhora — gritaram em côro as rosas, que tinham ouvido as palavras da fada — nós temos gottas de orvalho sobre nossas petalas.

— E nós, senhora — gritaram as borboletas multicôres — já temos oiro e prata nas nossas azas.

— Ainda bem! — exclamou a fada. Ainda bem que encontrei sobre a terra seres razoaveis. — George Sand.

A VOZ DO CORAÇÃO...

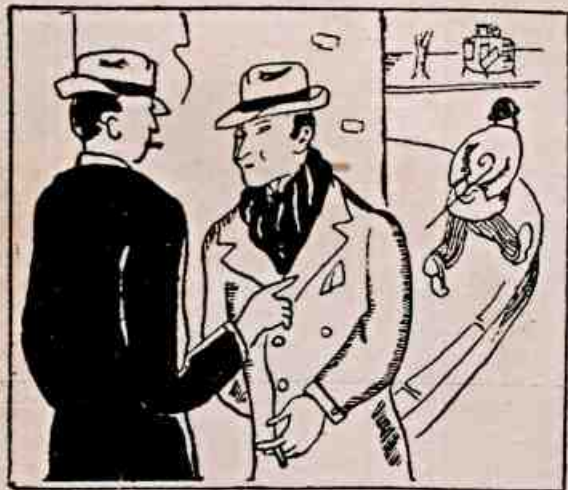
Plangendo penitente e solitario,
Na torre esborcinada dos meus sonhos,
Sinto-te, coração!
Já não badalas, como badalavas
Quando era novo o templo!...
Da orgia de sons,
Da algazarra sonóra e vibrante,
Do delirio em que vivias,
Já nada mais te resta...
Tudo agora soluça e geme
Na melancolia plangente da tua voz!

.. ..

E' a tarde da minh'alma que annuncias,
Nesse badalar monótono e dolente,
— Ave-Maria de minha vida!...

Proscripto da alegria,
Tua voz váe-se apagando, evocativa,
Váe-se findando, em notas de velludo,
Nas resonancias que se perdem pelo espaço...
Coração! Pobre sino da minh'alma!
Plange! Vibra! Morre
No velho templo do meu peito!
Que, de joelhos,
Bemdirei, perpetuando o teu officio,
Todos os sonhos que sonhei comtigo!...

S. Paulo.

ALCIDES C. MAIA

— Pois você não sabia? A mulher delle morreu ha tres mezes, e elle já se casou outra vez.

— As cousas são assim mesmo, amigo! A felicidade não póde durar toda a vida...

O OURO DO BRASIL

Dois grandes successos literarios: O ouro de Cuiabá e Os irmãos Leme, de Paulo Setubal. Desses bellos livros historicos, do qual um é a continuação do outro, damos hoje aos leitores o capitulo: "O Ouro do Brasil"

.. ..

TODA a gente que sabe ler, no Brasil, já leu os romances historicos do sr. Paulo Setubal: "A Marqueza de Santos", "O Principe de Nassau", "As Maluquices do Imperador", "A Bandeira de Fernão Dias", para só falar dessas quatro obras, conquistaram para o distincto escriptor uma popularidade nacional. O sr. Setubal tornou-se, sem duvida alguma, com as suas reconstituições historicas, o favorito do grande publico brasileiro. Hoje surge de novo á publicidade o romancista de S. Paulo com duas obras, ou melhor, com uma só obra em dois volumes: "O Ouro de Cuiabá" e "Os Irmãos Leme". Em ambas as obras as mesmas figuras: Pascoal Moreira, o bandeirante do ouro; Rodrigo César de Menezes, o governador de S. Paulo, Sebastião Fernandes do Rego, o famoso falcatrueiro e negociata colonial. João Leme e Lourenço Leme, os dois potentados e millionarios de Cuiabá. Em ambas as obras a mesma idéa central: descoberta de minas de ouro, aventuras, riquesas, crimes, episodios novelescos, desgraças. Nos dois livros, logo ás primeira paginas (é um gosto o constatal-o!) o sr. Setubal surge-nos um escriptor inteiramente novo, sobrio de linguagem, com uma agilidade de estilo que bem mostra estar aquelle escriptor na plena natureza das suas qualidades literarias. Junte-se a isso o dom, que jamais se lhe negou, de ser o sr. Paulo Setubal um fabulador emerito, muito vivo e empolgante e tem-se uma idéa clara que estão naturalmente fadados a triumphos certos. Do "Ouro de Cuiabá", que é uma muito curiosa chronica sobre as riquezas descobertas no Brasil e daqui enviadas a Portugal, extrahimos a pagina "O Ouro do Brasil", pela qual verá o leitor o ouro que já produzimos, quando Colonia, e qual foi o destino que Portugal deu a tão colossal riqueza.

"Vale a pena, neste passo, relancearmos um olhar ao reinado de d. João V. E' curioso vermos o que a colonia, tão rustica e desajudada, deu a Portugal. E' tambem curioso vermos o que Portugal, tão esplendente e pomposo, deu á colonia. Mas não analysemos, nós, brasileiros, essa pagina da historia lusa. Não a analysemos, não. Seria deselegante. Que falem della, com autoridade, e, certamente, com justiça, insuspeitas boccas portuguezas.

O OURO DO BRASIL

"As minas do Brasil deram ao rei e ao povo uma fortuna que o reino lhes negava"; proclama-o, num lance memoravel, o fulgurantissimo Oliveira Martins. "Foi sobre o ouro e os diamantes do Brasil, diz elle, que se levantou o novo throno absoluto de d. Pedro II. Foi com elles que d. João V, e todo o reino, puderam entregar-se ao enthusiasmo desvairado duma opera ao divino, em que desperdiçaram os thesouros americanos".

A descoberta das minas brasileiras, não ha duvida, fôra insufflar alentos novos, sangue novo, ao Portugal de d. João V. E' de pasmar o quanto de ouro partiu do Brasil ao reino. Que fabulosas, que entontecedoras riquezas não forneceu, só nessa época, a colonia opulenta á metropole exhaurida!

Por quanto orça esse immenso ouro que o reino devorou?

"Existe a conta autentica do dinheiro que veiu do Brasil durante o reinado de d. João V. Foram sommas incriveis...!", diz Pinheiro Chagas. E Oliveira Martins, fundado evidentemente nas parcelas que o visconde de Santarém publicou com detalhes (1), assim resume essas *sommas incriveis*:

"O Brasil, no dizer de Humboldt, deu mais de metade do ouro de toda a America. Para que bem se possa avaliar a importancia das novas descobertas, poremos aqui uma nota sobre a massa de metaes e pedras preciosas que d. João V recebeu do Brasil:

"130 milhões de cruzados;
"100.000 moedas de ouro;
"315 marcos de prata;
"25.500 marcos de ouro em barra;
"700 arrobas de ouro em pó;
"392 oitavas de peso;
"40 milhões de cruzados em diamante.

"Alem de tudo isso, o producto dos impostos e dos quintos, assim como o monopolio do pau-brasil, rendiam, annualmente, para o thesouro, cerca de um milhão e meio de cruzados".

Que fez o rei com essa formidavel montanha de ouro brasileiro? Que grandes coisas realizou? Que beneficios, com tanta riqueza, buscou o monarcha nababo para o seu reino e para o seu povo?

(1) "Quadro Elementar", visconde de Santarém.

O DESTINO DO OURO BRASILEIRO

"Pois esta somma quasi incalculavel de riqueas, continua Oliveira Martins, não bastou para encher a voragem do luxo e da devoção do espaventoso e beato monarcha. Os dinheiros do Brasil tinham melhor destino. Iam elles para Roma custear o preço de concessões valiosas. Era a elevação da capella do rei a Patriarcado—um arremedo do Vaticano; eram as insistencias (sem resultado) para que se definisse o dogma da imaculada Conceição de Maria, antiga devoção dos Braganças; era a licença para os padres dizerem tres missas em dia de finados; eram os lausperenes, as reliquias, as canonizações, as indulgencias". (1)

Sobretudo, nos principios do reinado, era "a elevação da capella do rei a Patriarcado". Nada tentava tanto a vaidade desse curioso bragança, que se gabava de ser mestre sem rival em liturgia, do que dar á sua capella privada as mesmas honras apparatosas que tinha a capella do Papa.

A PATRIARCAL

Ah, a Patriarcal! Eis a suprema ambição do rei fidelissimo. "...O seu sonho de todas as noites, o seu pensamento de todos os dias, (narra a *Historia de Portugal*) foi a creação de um patriarcado na Capella-real, o qual lhe daria direitos de celebrar em Lisboa as festividades religiosas com as mesmas cerimonias com que essas solennidades eram celebradas no Vaticano".

Obteve-o. Clemente XI, por uma bula, satisfez-lhe a vaidade. D. João V, depois de atulhar as arcas de Roma com montes de barras de ouro conseguiu emfim—oh gloria!—ufanar-se de que "os doze principaes da Santa Egreja Patriarcal de Lisboa pudessem, como o sacro Collegio de Roma, vestir habitos cardinalicios e celebrar pontificaes; que os trinta e seis monsenhores se dividissem em tres turmos: proto-notarios, subdiaconos, acolytos; que os conegos fossem vinte e quatro, que os beneficiados e os capellães passassem de cento e vinte; que os mestres de cerimonia e mais empregados orçassem por cento e quarenta e dois; que os musicos italianos e portuguezes, por setenta e dois!" (1)

(1) Oliveira Martins.

(1) Vilhena Barbosa, "Luxo e Magnificencia da Corte de D. João V".

REI BRASILEIRO

Mas não foi só a patriarcal. Esse luxo beato representa bagatela na nomenclatura dos gastos tontos do rei. Pois, "não tem conta as despezas enormes que d. João V fazia com objectos de devoção; não tem conta o que elle pagava para dotes de freiras, para missas pelas almas do Purgatorio, para construcções, concertos e paramentos de Egrejas, tanto no reino como no estrangeiro. Comprava por preços fabulosos tudo o que o Papa abençoava. Só uma estatua de Nossa Senhora da Conceição, de prata dourada, que o Papa benzeu, lhe custara 120.000 cruzados! Para a Hostia da Congregação do Oratorio deu elle um circulo de diamantes; para Nossa Senhora das Necessidades uma corôa de brilhantes de 4.000 cruzados e 100 moedas de ouro; para o braço de S. Bento, um anel de brilhantes; para..."

Seria enfadonho trasladar para aqui o rol completo. Encheria longas paginas. Não esqueçamos, comtudo, de reservar uma espaçozinho, bem destacado, para a capella de São João, na Igreja de São Roque, em Lisboa. O rei, em homenagem ao santo de seu nome, teve prodigalidades entontecedoras. A capella é um pequenino amontoado de riquezas e fulgores. Quanto custou? Não sei. Sei apenas que, entre aquelles jaspes, aquelles mosaicos, aquelles marmores, aquellas pratas, aquelles lapis-lazuli, somente os dois grossos tocheiros que lá existem, ambos de prata dourada, da altura de dois homens, custaram, em ouro sonante, 750.000 cruzados cada um! Sim, tem razão Oliveira Martins: "D. João V não regateava o preço das coisas; antes, como rei brasileiro, rico sem saber como, punha a honra na despesa, imaginando espantar o mundo com o modo perdulario com que dissipava. Mais de duzentos milhões de cruzados foram para o Papa. Não tem conta o que deu pelo reino ás igrejas e aos conventos. E, na sua furia de ser o esmoler-mór do catholicismo, derramava por toda a parte o ouro do Brasil".

SUMPTUOSIDADE PERDULARIA

Por toda a parte sim. Com apparatosa sumptuosidade perdularia que esmagava os coevos. Lêde o "luxo e Magnificencia da Côrte de d. João V". Vêde ahi, entre aquellas espectaculosas generosidades, o caso dos cardeaes Pereira e da Cunha. Ao partirem para Roma esses dois altos prelados, afim de assistirem a celebre conclave, el-rei, caprichando em tornar a viagem delles, como de facto tornou, uma das jornadas mais retumbantes e esplendorosas da Historia, circumdou-lhes a missão de lustre regiamente deslumbrador; "mandou-lhes dar dois caixotes de baixella de ouro e de prata que constava de cincoenta duzias de peças. Custou essa missão a Portugal 2 milhões de cruzados (!!) o que, entretanto, não parecerá muito quando se souber que cada um dos mencionados cardeaes recebeu 50.000 cruzados de ajuda de custas". E accrescenta Alberto Pimentel: "Os cardeaes não chegaram a tempo. Não obstante, em carta do seu proprio punho, mandou d. João V dizer ao Cardeal da Cunha: "que desse muito oiro a esses cafres de italianos; e que, quando não tivesse a quem o dar, o atirasse ao Tibre, para que se eternisasse o seu nome".

Quando o Duque de Barros veio tratar em Lisboa dos negocios da Casa de Aveiro, de que era successor, "ao despedir-se de el-rei, mandou o soberano offerecer-lhe 50.000 cruzados para os gastos da jornada". Ao Conde de Tarouca, que em longes côrtes fizera dividas como embaixador de el-rei, "mandou-lhe d. João V 80.000 cruzados de gratificação para satisfazel-as. O Marquez de Abrantes, ao sahir para Madrid, afim de tratar dos casamentos dos principes herdeiros dos dois reinos, "mandou el-rei dar ao embaixador 40.000 cruzados de ajuda de custa, 5.000 por mez, muitos coches, cavallos e arreios custosissimos, assim como 60 librés para os seus criados. Levou o Marquez, outrosim, tão grande copia de diamantes para presentear as pessoas influentes na côrte de Madrid que (diz a Marqueza de Capecelatro) "mais diamantes, menos diamantes, e o negocio ha de se concluir". Mimoseou o rei ao Marquês de los Balbazes com um retrato seu "mandando-o com uma cercadura de diamantes no valor de 50.000 cruzados e deu á infanta para presentear a Marqueza um par de brincos no valor de 60.000 cruzados". "Ao infante d. Antonio deu el-rei 80.000 cruzados em dinheiro e mais 20.000 dos que tinha vindo da ultima frota do Brasil..."

Não vale continuar. A lista é longa demais. No emtanto, confessemol-o, não foi só esse morbido desenfreio de, com mãos rotas, dar dinheiro a padres, a igrejas, a embaixadores, o que desbaratou o ouro immenso do Brasil. Houve mais. Houve o titulo, vaidoso e fôfo, de *Fidelissimo*, que custou trezentos mil cruzados. Houve, em Caia, o palacio de Vendas-Novas, onde se deu a troca das duas princezas, a de Portugal e a de Espanha, que vieram a ser as esposas dos herdeiros dos dois reinos: para abrigal-as, naquella só noite, o rei construiu, afaiando-o com luxos desmedidos, um palacio que custara um milhão de cruzados.

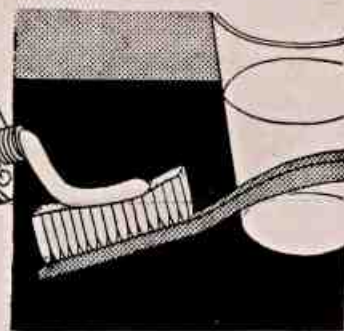
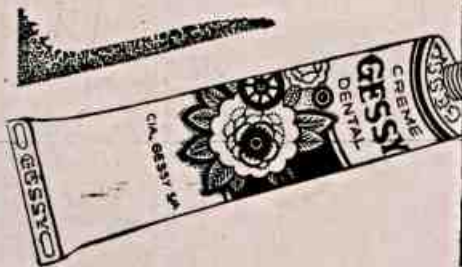
Houve ainda, no Convento de Odivelas, os aposentos de Soror Paula, e, junto ao convento, o incrivel palacio da freira. Ah, os ninhos fôfos de Soror Paula!... Se o homem, para com os homens, era magnifico e deslumbrante, que deslumbrante e magnifico não teria sido o amante para com a amante! Esses aposentos, nota o sr. Borges de Figueiredo, "têm ainda vestigios da antiga magnificencia. As portas delle são de petiá e de outras madeiras ricas do Brasil. Têm..." Continue o sr. Alberto Pimentel: "O que não seriam as alfaias dessa como ilha de Cythera, onde um principe portentoso endeusava a sua Venus! A camara era revestida de espelhos doirados que faiscavam ao reflexo dos candelabros. As cadeiras encarnadas, com pés e braços de talha doirada, intercalavam-se com os bofetes doirados e com os escriptorios de charão negro e oiro. O leito de Soror Paula, guarnecido de laminas de prata doirada, fechava-se dentro de um cortinado de melania carmezim, apanhado em ondas, por onde o oiro serpentejava em franjas e galões. Os lençoes de Hollanda espumavam rendas. Um paraizo de preguiça voluptuosa..."

Cerremos as cortinas da alcova de Madre Paula. Não perturbemos esse fragil capricho lirico do rei. Falemos doutro capricho. Doutro, sim, que devorou, com guelas insaciaveis, a melhor caudal de ouro brasileiro. Capricho dementado, que, pela exorbitancia que custou, tomou proporções de calamidade publica: Mafra.

E
UM COLLAR DE PEROLAS
EM ESTOJO ESCARLATE!
Nunca inspirou essa exclamação, quando os seus dentes brilharam na claridade de um sorriso?
E' tão facil fazê-lo! Dentes bellos não são mais do que resultado de attenciosos e intelligentes cuidados.
Após a mastigação dos alimentos, sempre ha detrictos que se escondem entre os dentes ou na parte em que estes encontram a gengiva. A escova remove grande parte dos residuos. Nem todos, porém, ella attinge. O novo Creme Dental Gessy, devido á sua formula anti-acida, em que entra Leite de Magnesia, neutraliza os elfeitos das fermentações buccaes, de maneira que mesmo o que a escova não consegue remover, o Creme Dental Gessy annulla.
Fresco, adstringente, de sabor agradavel, o novo Creme Dental Gessy clareia os dentes e empresta-lhes brilho sem offender o esmalte, porque não contém substancias arenosas.
Pela manhã, ao levantar, ao meio dia, após o almoço e á noite, antes de deitar, escove cuidadosamente os dentes com o novo Creme Dental Gessy. E faça esplender o thesouro magnifico que se exhibe entre os seus labios de coral.
CREME DENTAL
GESSY
PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.
De Manhã
Ao Meio dia
Á Noite
CREME
GESSY
DENTAL
CIA. GESSY SA
GESSY

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 17

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1933

Na terra da poesia e do oiro...

QUEM visita Minas Geraes e aprecia, do alto das serras imponentes, as mil maravilhas do seu solo, fica deslumbrado deante de tanta riqueza mineral que um deus perdulário houvesse derramado pelas terras seculares da antiga capitania dos inconfidentes.

De Ouro Preto a Bello-Horizonte, de Bello-Horizonte a Nova Lima, de Nova Lima a Sabará, em toda parte, quando não é o oiro que domina, é a suave poesia das historias antigas, empoeiradas pelo tempo, mas cheias do sabor emotivo das evocações.

Marilia de Dirceu, que inspirou a Thomaz Antonio Gonzaga, os mais bellos poemas da época da Inconfidencia Mineira, viveu o seu sonho de amor num velho casarão que a picarêta do progresso demoliu para construir o actual edificio onde funcciona a Escola Normal de Ouro Preto.

Claudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto, os dois outros collegas do cantor de Marilia, tambem sonharam olhando a poesia dos garimpos e pensando na grandeza de um Brasil melhor, que ahi está desafiando o scepticismo de 1700.

O oiro e o sonho das conquistas lavaram o solo mineiro, galvanizando-o de fortuna e de civismo e legando á posteridade as paginas que todos nós conhecemos.

Quanta coisa admiravel a gente póde ver percorrendo as cidades historicas ou subindo as montanhas preciosas do Estado onde se começou a tecer o véo da nossa liberdade politica! Quanta coisa linda, quanta coisa empolgante para os olhos do artista insatisfeito!

Reliquias do passado dormem á beira das estradas tranquillas onde os carros modernos trepidam levando os missionarios da civilização. Velhas igrejas construidas com o oiro dos bandeirantes. Edificios seculares, que foram residencias de personagens famosos. Palacios de pedra, eternos como o nome dos primeiros martyres da Independencia.

A' flôr da terra proliféram os minérios de ferro, avaliados, pelos scientistas, em varios bilhões de toneladas. As pedras de que se extráe o metal de tanta utilidade andam, inesgottavelmente, pelos caminhos vermelho-escuros que serpenteiam através das montanhas verdes. Aqui e ali, sobretudo na estrada de Ouro-Preto-Marianna, um tunnel assignalando a passagem dos portuguezes caçadores de oiro.

*

Bello Horizonte, extendida indolentemente sobre um planalto coroado de cosmos amarellos, é uma cidade digna da grandeza de Minas-Geraes. O contraste de Ouro Preto. Esta é o passado vivendo no presente. Aquella é o presente palpitando no passado. Numa e noutra, a poesia das encostas suspirando na voz eterna do amor. Numa e noutra, a inquietação dos destinos agitando os romances de hontem e de hoje. E flôres, e riquezas immensas brotando da opulencia do solo... E madrugadas fulgurantes, e crepúsculos que lembram os cabellos das princezas dos sonhadores... Em Minas, até os crepúsculos são de ouro...

Do alto da serra de Nova Lima, quando regressava das minas de Morro Velho e das usinas metallurgicas de Sabará, eu tive occasião de contemplar um crepúsculo mineiro afogado no delirio da sua luminosidade côr de oiro... E fiquei emocionado deante daquelle quadro que nenhum pintor seria capaz de fixar nas tintas de uma paizagem.

O automovel corria pela estrada de Bello-Horizonte, e a tarde morria tingida no oiro do sol-pôr. Toda a montanha parecia diluir-se nas tintas do crepúsculo. E a noite cahindo lentamente para, lentamente, envolver as quaresmas que floriam o cabeço dos morros. O oiro do horizonte foi tambem diluindo-se, diluindo-se..

De novo Bello-Horizonte, illuminada já e com suas flôres adormecidas na relva esmeralda dos parques. A cidade sorria no esplendor da noite clara de abril. Rythmos de orchestras sonorizando a avenida Affonso Penna. Campainhas de cinemas gritando nas fachadas deslumbrantes. A avenida Amazonas. O arranha céo côr de oiro do Hotel Sul-Americano. E a vida tumultuando nas ruas largas por onde, outróra, devem ter passado os garimpeiros...

MARTINS CAPISTRANO

RECORDAR

E' sempre triste um despertar de recordações. As recordações, as saudades de alguem, que se amou, são como as alcovas escuras, fechadas, por longo tempo, e onde nunca mais penetrou passo humano.

Um dia, porém, quando voltamos a visital-as, eis que as lembranças accordam. Dá-se como que um esvoaçar imprevisto de pombas mal despertas.

Então, só ahi é que começamos a vêr que esta se apresenta mais pallida do que aquella. Uma está viva, a outra quasi morta. Em torno o silencio é triste. Pesado. Funerario. Um vago perfume de sonho e de melancolia dorme tranquillamente no ar.

E' isso o que nos diz, em versos magistraes, a arte maravilhosa de Henry Régnier...

*

Sim. As recordações e as saudades despertam, ás vezes, ao som de um simples trecho musical, á exalação de um perfume, ao balbuciar de uma phrase ou de um nome querido...

Recorda-se...

E como, ainda, no pensar de Anatole France, "recordar é passear pelos caminhos ermos e longos do passado", numa delicia amarga, indefinivel, a nossa alma se compraz nesse enlevo bom e pungitivo.

Recordar...

*

Neste momento, eu recordo e escrevo.

Escrevo, pensando em alguem que me trouxe uma recordação esmaecida, mas suave. Suave como o deslisar de uma nuvem...

E, acaso, essa recordação não será de facto, uma nuvem? Nuvem branca e mansa, como a saudade de um amor, a velar o céu limpo de estrellas, muito azul, numa noite apagada...

*

Abro a minha estante E tomo, ao acaso, um volume em hespanhol.

Na primeira pagina, em sentido diagonal, encontro, nesse livro, uma dedicatoria, um nome de mulher e uma data expressiva: "To you — C. C.-8-9-1933."

*

"To you!..."

Só eu sei o que representa isso de saudade.

Saudade de um passado alegre, como o arco-iris, e que, agora, a nuvem — aquella nuvem branca, a boiar no céo limpo de estrellas — ensombra de melancolia.

Fecho o livro evocador de alegrias tristes. E, serenamente, embevecido na contemplação desse passado, ainda não remoto, revejo, na imaginação, os olhos intelligentes e brejeiros que riam para os meus, nas tardes claras de verão, ou que os enchiam de preoccupações e mysterios, nos frios e lentos crepusculos de inverno.

Depois, são as mãos minusculas, *infantis*, mãos fidalgas de infanta, que, muito brancas, e sangrando pelas unhas de rosa, se desmanchavam, em prolongadas caricias, sobre os meus cabellos revoltos...

Depois...

Depois, são todas as saudades que affluem, emmaranhadas em saudades mais velhas, de outras horas longinquas, de outros momentos, de outros tempos...

*

E, quantas vezes, nesses instantes ephemeros, ephemeros, mas duradouros, pela sua intensidade emocional, — os nossos protestos não se trocaram, vehementes:

— Gostas de mim?

— Até a morte!

— Até a morte é uma phrase... — ironizava eu.

— Eternamente — insistias.

— De eterno só existe o infinito...

Depois, a nossa *causerie* se esgarçava em divagações mais ou menos esparsas...

*

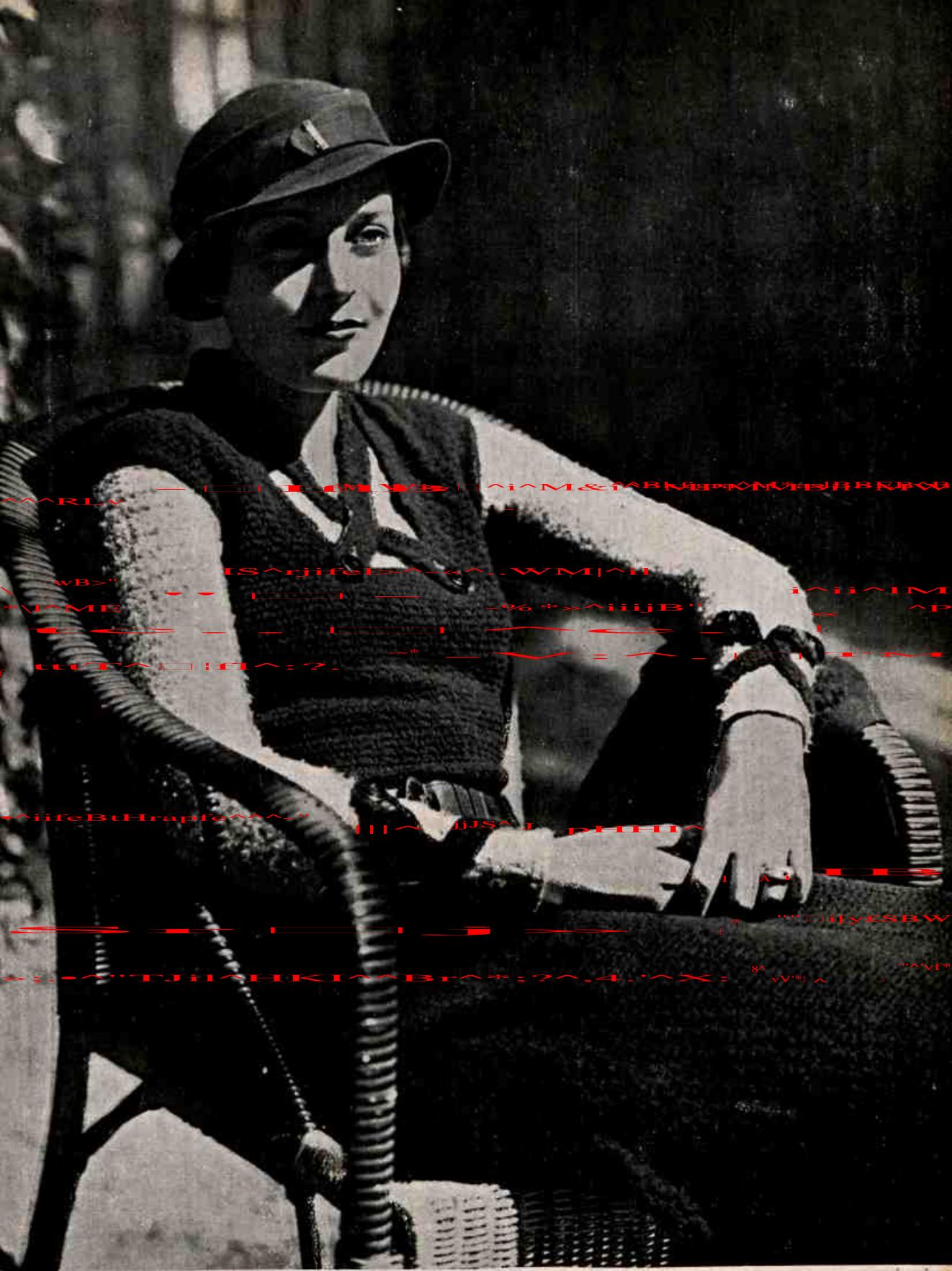
Hoje, emquanto esvoaçam, sobre a minha memoria, as recordações mais lindas da minha vida, eu me convenço de que nem o infinito é eterno.

*

Pois tambem o nosso amor não era infinito?...

YVES

SOCIEDADE

S.ta Elza Seabra

A mulher chic

Robe de jersey brun. Blouse de jersey jaune. Feutre brun.

❖ ❖ ❖

(Photo especial para FON-FON).

Creação Jean Patou

MUNDO EXTINCTO

...E' lembrar que te amei! Que te amei e soffri
O que ninguem, talvez, venha a soffrer por ti!

Recordar — quanta vez! — que acompanhei teus passos!
Foste uma Festa-Verde a fremir em meus braços!
Uma Aurora a cegar-me! Um infinito oceano
Onde deixei singrar o meu sonho inhumano
E deixei vellejar minha esperança louca!
E sentir que tu foste um relvado! E a bem pouca
Agua fresca que um dia estancou minha séde!
O alvo pão que comi! Essa sombra que, á rêde,
Nos asperos sertões, á hora em braza do Estio,
O sertanejo busca! E que eras tudo! o frio
E a Calma, e o Ar, e a Luz, e o Som, e a Côr! Perfume!
Tudo que o Bello tem! Tudo que o Bom resume!

Relembrar que te amei e saber que perdi
Tudo que a Vida tem: — tudo que vive em ti!

Recordar que, inclinada, a bôcca em minha bôcca,
Sentias a hora curta e achavas que era pouca
A vida para amar-me! Evocar que dizias:
—"Oh, és o unico sol das minhas alegrias!
Meu amor — és meu deus; meu deus — és meu peccado"...

E sentir, afinal, que está tudo acabado!

Tempos decorrerão sobre essa grande mágua...
Sorrirá tua bôcca e seccará essa agua
Que teus olhos, agora, humedece... De novo
Tua vida será ruidosa como o povo
Que habita as capitaes do mundo... Novamente
Amarás e, outra vez, a tua carne quente
Ha de vibrar... vibrar... Mas esse novo amor
— Que ha de trazer-te gozo e ha de trazer-te dor —
A' tua alma dará milagres e delictos
Moeiezas de remanso e delirios afflictos...
Novamente encher-se-á tua existencia fria
Do fogo das paixões... Mas — bacchante sombria —
Tua vida, de novo, ha de ficar vazia...

Então, nessa hora triste, agonica, soturna,
Recordar-te-ás de mim. Na vigilia nocturna
Tua alma prender-se-á entre os doirados élos
De um sonho... E julgarás que pelo teu cabello
Brinca um beijo de amor da bôcca dolorida
Que tanto te beijou e te chamou "Querida!".
Sentirás uma angustia immensa! Tão grande ansia
Que quererás voar e, através a distancia,
Quererás encontrar-me! e quererás sentir
Uma caricia minha! e quererás ouvir
As palavras de amor que um dia te falei,
Os versos que te fiz no sonho que sonhei...
Lembrarás que te amei! que te amei e soffri
O que ninguem, talvez, venha a soffrer por ti...

Então succumbirás na tua soledade
A' pena do remorso e á sombra da saudade.

EDUARDO TOURINHO

A vida social

O Tijuca Tennis Club homenageou, com uma brilhante reunião dançante, que movimentou animadamente os seus salões, a nossa formosa patricia senhorita Yêdda Telles de Menezes («Miss Brasil de 1932»). A linda homenageada apparece, ahi, ao lado de sua illustre progenitora, a senhora Juliêtta Telles de Menezes, e entre directores e socios do Tijuca Tennis Club.

O primeiro «baile argentino» que o Automovel Club do Brasil offereceu, na presente temporada, aos seus associados, e que se realizou no ultimo sabbado, teve grande brilho mundano, reunindo figuras de destaque em nossa alta sociedade.

A secção «Paz pela Escola» da Federação Nacional das Sociedades de Educação promoveu sabbado ultimo, no palacio do Itamaraty, uma solennidade commemorativa do «Dia das Americas», a qual se realizou sob a presidencia do ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, e com a presença dos representantes diplomaticos das nações americanas junto ao governo brasileiro, altas autoridades da Republica e outras pessôas gradas. O grupo acima foi tomado após a cerimonia, que se revestiu do maior brilho.

PHILOSOPHIA DA VIDA

Para que a existencia se torne productiva é necessario o habito de estoicismo. E' esta a melhor philosophia da vida.

* * *

Verdadeiro philosopho é aquelle que, entre um banqueiro gordo, cheio de ouro, e um poeta magro, cheio de sonhos, dá mais valor ao poeta.

PAULO FREITAS

Commemorando a data da fundação de Roma, que passou na quinta-feira penultima, a Academia Brasileira de Letras realizou uma sessão publica, na qual o academico Aloysio de Castro leu a sua traducção do «Hymno a Roma», do poeta italiano Giovanni Pascoli. A gravura focaliza um flagrante da reunião, vendo-se, além do sr. Aloysio de Castro, o presidente da Academia, dr. Gustavo Barroso, o embaixador italiano e os academicos Gregorio da Fonseca e Antonio Austregesilo.

Das margens do Rio Negro

BERILO NEVES

O amazonense é um povo tão gentil, que não se limita a receber festivamente o forasteiro na sua casa: manda buscál-o a Santarém e começa a ser amavel ainda em territorio paraense... Waldemar Pedrosa, interventôr interino, mandou ao nosso encontro dois embaixadores sympathicos: Caetano Cabral e Waldemar de Carvalho — e, mais, algumas caixas de bananas sêccas, uma tonelada de guaraná, e cigarros finos, de um fumo mais forte do que a Verdade... Caetano Cabral ensinou-nos, em 30 minutos de palestra, o que é o Amazonas, desde o tamanho que tem aos fructos que produz, e dos livros que escreve ás meias de sêda que usa...

Desse modo, quando desembarcámos em Manáos, sabíamos os nomes das ruas, a historia dos seus heróes, o endereço das suas moças bonitas e, por fim, onde comer, com segurança, uma sôpa de tartaruga e uma posta de tucunaré... Já não eramos turistas aventureiros, em busca de impressões e, sim, velhos amigos do Amazonas, que iamos revêr coisas muito nossas conhecidas e muito intensamente amadas...

*

Por toda parte os interventores federaes nos acolhiam cercados de politicos, ou de altos funccionarios do Estado: no Amazonas, o sr. Waldemar Pedrosa (a autoridade mais sympathicamente modesta que existe neste mundo e no outro) recebeu-nos entre artistas e homens de letras — como um rei medievo, entre trovadôres e contadôres de chronicas literarias... Pericles de Moraes, Leopoldo Perez, Huascar Montenegro, José Chevalier, Manoel Jobim, Armando Madeira... nomes dos maiores das letras amazonenses, lá estavam, acolhedôres e singelos, escondendo, sob phrases simples, o fulgôr do talento e o prestigio do renome. A palestra adquiriu, em tal ambiente, um sabôr nitidamente nacionalista. Nada de Champagne "Pommery", nem de biscoitos "Jacob": guaraná Simões e biscoitos "Maria", da fabrica Palmeira... Molhada com esse guaraná e tonificada com esses dôces, a palavra sahia-nos saborosa e nutritiva... Soprava do lado do rio uma viração deliciosa. Waldemar Bandeira pediu noticias da borracha. Aluizio Barata indagou, ansioso, o destino das castanhas. Amorim Netto pediu o nome do restaurante mais proximo. E eu, indifferente á borracha, á castanha e ao bife com batatas fritas, inquiri (para vergonha minha) onde haveria algum baile, naquella noite...

*

Jonathas Correia, capitão do Exercito e das mulheres bonitas, foi, nesses dias, o traço de ligação entre o Estado e a Imprensa, entre a austeridade do Poder e a inquietação da Bohemia... Sempre o encontrávamos bem disposto — quer se tratasse de visitar um bispo, subir o rio Negro ou tomar um sorvête de cupu-assú... Notei-lhe a rijêza dos musculos e a alegria da alma:

— Caramba, Jonathas! E's feliz como um gato e sereno como um propheta! Ja te casaste?

— Não.

— Tiraste o premio grande da loteria?

— Não.

— Estás na lista para major?

— Não.

— Onde diabo achaste, então, a felicidade, homem?

— Eu?... Olha...

Passava um bonde, na rua fronteira. Ouvi um "psio" maviôso e, logo, o rumôr de uma cadeira que rolava na calçada. Olhei... O capitão, a esse tempo, assaltava o bonde. Divisei, de relance, uns olhos negros que brilhavam — e, então, comprehendi tudo... A felicidade também, ás vezes, anda de bonde...

*

O theatro Amazonas é um monumento que ficou do dilúvio de ouro do antigo Eldorado septentrional, no Brasil... Serve para attestar que nem tudo foi um sonho, e uma loucura... Mais imponente do que o Municipal, do Rio, mais suggestivo do que o Colón, de Buenos Aires, é um primor de riqueza, arte e bom gosto. O governo do Estado mandou-o illuminar para que o víssemos em toda a formosura e majestade. Sentimos, alli, a infinita melancolia de todo final de festa: nos camarotes, nos corredores, no *foyer*, andava um silencio triste, que era como a propria alma do Amazonas, revendo, no passado que fugiu, a grandeza que nunca mais voltou...

*

O industrial Maximino Correia deu-nos, na terrasse de sua fabrica, um jantar dançante. Emquanto comiamos, dezenas de garçons occupavam-se, diligentemente, em encher-nos, de novo, os copos de cerveja... Esta jorrava da fabrica, directamente, para os nossos copos, loira como um sonho e espumante como um desejo. Estranhei a marca do producto: X. P. T. O. O sr. Correia, que é um homem gentil, apressou-se a explicar-nos a origem das letras katalysticas:

— Trata-se da abreviatura de um nome sagrado: *Christus*... E' a esse baptismo que devo, em grande parte, o successo do producto...

— E que tem Christo que vêr com a cervejaria?

— E' que, si ainda vivesse, o Mestre não tomaria cerveja de outra marca...

O argumento era, como se vê, irrespondivel...

*

Luís Humberto Salamanca é um homem da Co[illegible] que tem uma lancha, e póde, por isso, subir o rio Negro a 50 milhas horarias. Essa lancha ronca como um avião e corre como uma esperança.

Dentro della, Waldemar Bandeira, Mem Xavier da Silveira, Elsa e Vera Aranpe e eu descemos o rio Negro, alcançámos o "furo" Xiburena, passámos a ilha de Marapatá (onde dizem que deixam a vergonha todos os que vêm a Manáos...) e tivemos a mais forte sensação da nossa vida: penetrámos

(*Conclue na pag. seguinte*)

Das margens do Rio Negro

(Conclusão)

num *igapó!* Sabeis o que é um igapó? E' uma surpresa vegetal, cercada de agua por todos os lados... E' uma maravilha de imprevisto, quietação e belleza. Vale a pena vir ao Amazonas especialmente conhecel-o. A impressão, que se tem, é a de estar a dois passos do formidavel mysterio das Origens. Toda a Amazonia, aliás, lembra o *atelier* de um artista de genio, que tem o cuidado de não apparecer, mas cujos pinceis, tintas, palhêtas e materia prima rolam aos nossos pés, num flagrante delicioso, e numa surpreza empolgante...

Quando sahiamos de Manáos, José Chevalier fez-nos um discurso de despedida que foi uma suave e doce melodia, tecida de saudade e de talento... Logo em seguida um bohemio (de intelligencia lucida e imprevista) fez outro discurso — que escandalizou pela crueza das verdades e verdade das injustiças... Esse homem disse, entre outras coisas exactas, que nós, os excursionistas do "Almirante Jaceguay", deviamos mandar para o Rio Negro todos os flagellados do Nordeste — pois estes, alli, ao menos não morreriam á fome... Ora, o futuro do Brasil parece estar nessa hypothese maluca, virada pelo avêsso, isto é — em trazer, para as terras ardentes do Ceará, as aguas infinitas do Amazonas... O Homem, que já construiu as pyramides e o canal do Panamá, poderá — quem o sabe? — realizar, um dia, esse absurdo... E, então, o ultimo átomo do ultimo osso do ultimo excursionista do "Jaceguay" tremerá, de alegria, no fundo inconsciente da Terra — porque o orador *blagueur* de Manáos foi, numa certa tarde de um certo dia de junho de 1932, tão verdadeiro como Aristoteles e tão prophetico como Elias...

Berilo Neves

Inaugurando a sua nova séde, installada no quinto andar do edificio numero 257 da avenida Rio Branco, o Syndicato Medico Brasileiro offereceu, na noite de sabbado ultimo, 22 do corrente, uma brilhante recepção para commemorar aquelle expressivo acontecimento, que assignala mais uma victoria da prestigiosa instituição da nossa classe medica. Compareceram á festa do Syndicato Medico, além de varias figuras eminentes da medicina brasileira, altas autoridades da Republica, o representante do interventor dr. Pedro Ernesto, e outras pessôas gradas. Durante a solennidade procedeu-se á installação do Conselho de Disciplina do S. M. B., bem como á entrega dos titulos dos novos «Legionarios Constructores da Casa do Medico». Os dois «clichês» desta pagina focalizam aspectos da noite de sabbado, no Syndicato Medico.

CANDIDATOS A' CONSTITUINTE

O eleitorado do Districto Federal vae ter como candidato á Constituinte um dos mais indiscutiveis valores da intelligencia brasileira dos nossos dias: Olegario Marianno. O grande poeta das «Ultimas cigarras», cujos versos andam na bôcca e no coração da nossa gente, é uma expressão das mais bellas da nossa cultura e da nossa sensibilidade literaria, tendo exercido uma influencia illudivel na vida mental do Brasil contemporaneo. As mulheres, que elle tem cantado em tantas obras primas de emoção e lavor, vão suffragar, de certo, o nome do illustre academico, cuja presença no organismo politico renovador da vida juridica do paiz será uma affirmação de energia moça e intelligencia esclarecida. Olegario Marianno terá, sem duvida, votos em quantidade e de qualidade — pois nenhum eleitor de «elite» deixará de lhe reconhecer os excepcionaes meritos, e o direito excepcional de representar o Districto no seio da futura Assembléa Nacional.

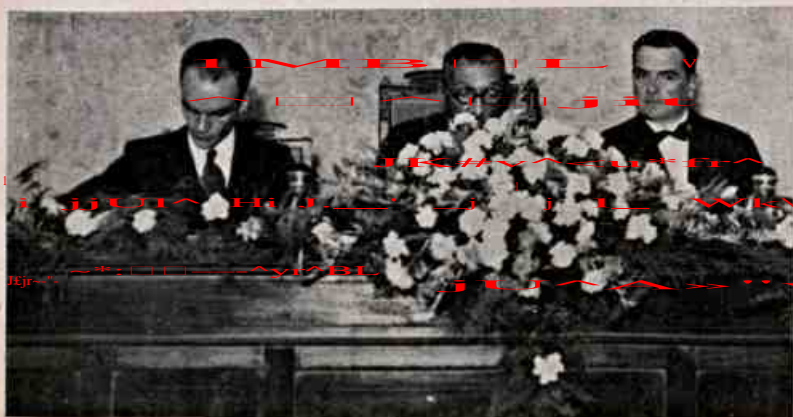
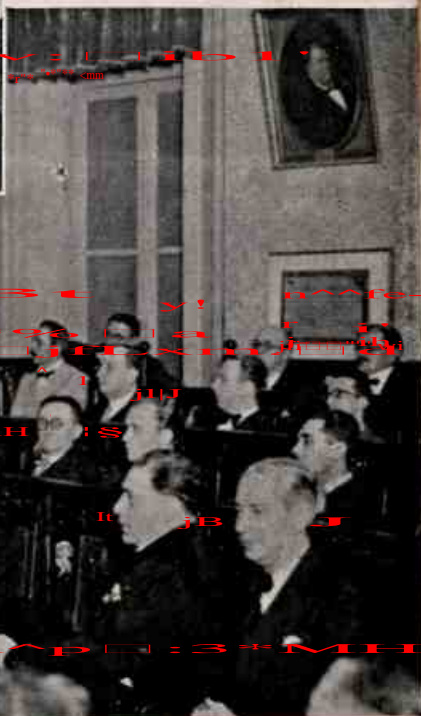
Mario Poppe.

Olegario Marianno.

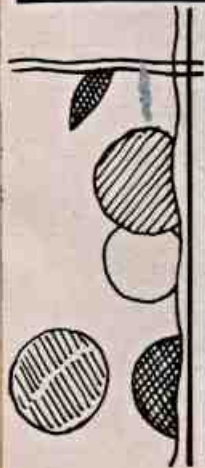
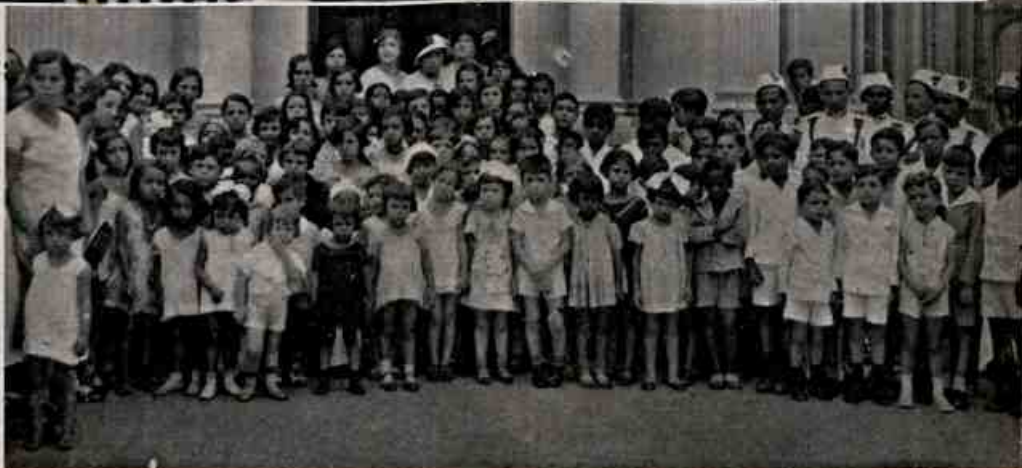
Lourival Fontes.

Carvalho Netto.

Horacio Picorelli, Carlos Dias e Eugenio Monteiro de Barros.

O Partido Unionista dos Empregados do Commercio leva ás urnas, nas eleições do proximo dia 3 de maio, uma chapa seleccionada entre destacados elementos trabalhistas. A convenção que procedeu á escolha dos candidatos realizou-se debaixo de um enthusiasmo digno de registo, obtendo indicação unanime da assembléa os nomes de Mario Ortiz Poppe, Lourival Fontes, Carvalho Netto, Eugenio Monteiro de Barros e Horacio Picorelli. Os tres primeiros representam os trabalhadores intellectuaes; os dois seguintes, os trabalhadores commerciaes, e o ultimo, o operariado. Figura nessa chapa um companheiro nosso, digno entre os mais dignos, e cujo elogio está na sua propria desambição pessoal, que resistiu fortemente á inclusão de seu nome ao lado dos candidatos do Partido Unionista dos Empregados do Commercio: Mario Poppe. Sua modestia, sua cultura, seu valor intellectual, a comprehensão, que sempre revelou, das necessidades capitaes do proletariado, a independencia, a nobreza de atitudes — tudo recommenda o nome de Mario Poppe aos suffragios dos homens intelligentes, dos lutadores de todas as classes. A victoria da sua candidatura será, assim, a victoria da intelligencia e das aspirações populares integradas no sentido da honestidade e da justiça.

Na séde do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros installou-se solennemente, na noite de 18 do corrente, a Primeira Conferencia Nacional de Juristas, que congrega representantes de instituições juridicas do paiz inteiro e tem como finalidade debater themas de direito constitucional e politico. A sessão inaugural da Conferencia de Juristas realizou-se sob a presidencia do dr. Astolpho Rezende.

A nova directoria do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros reunida por occasião da solennidade de sua posse, realizada na ultima semana.

Assistencia Dentaria Infantil

A grande instituição que é a Assistencia Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira», fundada em 1925 pelo professor Frederico Eyer, e mantida á custa de ingentes e nobres sacrificios, commemorou na penultima sexta-feira, 21 do corrente, o 8.º anniversario de sua fundação, realizando uma linda festa para as crianças pobres que ali recebem tratamento gratuito de seus dentes. A commemoração deste anno, que se revestiu de especial realce, pois festejou, ao mesmo tempo, o anniversario da Assistência Dentaria Infantil e a volta do professor Frederico Eyer á presidencia daquella casa benemerita, constou de uma parte artística e da distribuição annual, agora a cargo das senhoras Alfredo de Paula e Annita Magalhães, de brindes e objectos de utilidade aos pequenos pobres da Assistência. Foi al[illegible]mente expressiva a manhã de 21 [illegible] abril na séde da Assistência Den[illegible]a Infantil.

A Glorificação de Tiradentes

Brilhantes e altamente significativas foram as cerimonias que se realizaram, nesta capital, no dia 21 do corrente em homenagem á memoria de Tiradentes, o proto-martyr da Republica. Entre essas solemnidades destacou-se o prestito civico que se organizou no interior do Campo de Sant'anna e era constituido por corporações militares e civis. O cortejo conduziu o busto de Tiradentes e o de outros precursores da independencia do Brasil. Houve ainda varias cerimonias, expressivas, como a entrega, pelo interventor Pedro Ernesto, do edificio da Escola Tiradentes á commissão promotora da Glorificação de Tiradentes. A nossa pagina focaliza varios aspectos tomados na grande data de 21 de abril de 1933, quando foi, mais uma vez, glorificada a grande figura nacional de Joaquim José da Silva Xavier.

GLYCINIAS

Na tua cidade lyrica, eu me lembrei, pensando em ti, das rosas que nós dois, commovidos deante do amor, despetalámos numa outra cidade onde a fascinação da vida afoga o desencanto do mundo.

Na tua cidade lyrica, eu vi os teus olhos rutilando no céo azul de abril e o teu cabello fulgurando nas ondas de oiro do sol.

Meu coração, cansado de te esperar, de te esperar inutilmente, deslumbrou-se nas ruas largas por onde a tua silhueta luminosa tantas vezes já passou, derramando, na serenidade das manhãs ou na melancolia dos crepusculos, a graça envolvente que irradia dos teus gestos, do teu sorriso, de todos os teus encantos de mulher bonita.

E tu não vieste ao meu encontro. E tu, princeza invisivel, não surgiste aos meus pobres olhos angustiados e inquietos como azas afflictas de pássaros morrendo... E teu coração não trouxe um pouco de consolo ao meu coração de sonhador.

Pensei em ti, e pensei no nosso romance. O destino, que nos separou, levou-me, cruelmente, para junto de ti, sem que eu te pudesse ver, sem que eu pudesse sentir de novo a caricia imponderavel do teu espirito e a volupia material do teu corpo.

Ouvi a tua voz num sonho que me reconstituiu todos os momentos inesqueciveis daquelle outro sonho que ficou na minha vida como uma cicatriz do amor... Ouvi a tua voz e recordei, sonhando, as horas que passaram sem levar a saudade ainda viva no meu coração insatisfeito e desolado.

Não valeu a pena o sonho de um minuto. Elle veiu somente avivar a angustia em que se debate o meu destino. E veiu trazer-me a certeza de que nunca mais terei nos braços a felicidade...

AS BONECAS DA HELENA

Minha filha tem muita boneca:
A Lili, a Loló, a Lelé...
Todas tão levadinhas da bréca,
Que parecem malucas até.

Mas a filha do meu coração
Se partiu para longe d'aqui;
Foi p'ra o campo passar o verão
Só levando comsigo a Lili.

Quanto ás outras ficaram, coitadas!
No divan do meu pobre escriptorio,
Esquecidas e á tôa largadas
Nesse ambiente que é tão merencorio.

E ao me verem de placido aspeito,
Na poltrona, feliz, dormitando,
Numa crise de raiva e despeito
As bonecas se foram queixando:

— Oh! que horror! diz Lelé, que máo gosto
Escolher a Lili, lambisgoia
Que põe kilos de "rouge" no rosto
E não traz nem sequer uma joia!

— Que injustiça! diz outra. Sózinha
Neste canto a gemer meus pesares!
E essa tal de Lili com a Heleninha
Na fazenda, a gozar dos bons ares!

— E' verdade! é verdade! amuada
Diz Loló, a tremer, vejam só!
Ella a rir e eu aqui, desprezada,
Entre livros cobertos de pó!

— Carnaval! diz Lulú, mas eu tomo
Um veneno, eu me mato, bem vêdes
Que, durante os folguedos de Momo,
Eu não fico entre quatro paredes!

Mas calaram-se todas. Lá fóra,
Um tristissimo e rouco realejo
Nos falava de coisas de outr'ora,
De esperanças que morrem num beijo...

E, sózinha, na muda agonia
Do crepusculo, as frontes baixando,
No divan, que já a sombra invadia,
As bonecas estavam chorando...

JORGE JOBIM

AUTORES DO PARANA'

Dr. Walfrido Pilotto, brilhante escriptor e jornalista paranaense, autor de uma interessante «plaquette» intitulada «Assis Cintra e a tragedia do K. M. 65», de um livro de critica — «Louvores e Profanações», e da «Contribuições para a Historia do Paraná», e que annuncia para breve um ensaio sobre Alberto Torres. E' uma das figuras mais sympathicas e prestigiosas da imprensa de Curityba.

Pedro Calmon, escriptor illustre, que já publicou varias obras de pesquisa historica, alcançando brilhantes victorias literarias, offerece-nos, agora, «O rei cavalleiro», romance historico, no qual revive e exalta a figura nobre de D. Pedro I.

O presidente Olegario Maciel recebeu, em audiencia especial, no palacio da Liberdade, em Bello-Horizonte, os excursionistas da caravana turistica organizada pelo Touring Club do Brasil e que acaba de visitar o Estado de Minas Geraes. Na photographia do alto vê-se o chefe do governo mineiro ao lado do embaixador francez. Em baixo, s. ex. entre os jornalistas que acompanhavam a caravana.

Jorge de Lima, figura illustre das letras e da medicina brasileira, cuja personalidade e cuja obra acabam de ser ampla e brilhantemente estudadas pelo grande espirito de Benjamin Lima, num volume que está alcançando o maior successo de livraria. Benjamin Lima deu ao seu ensaio sobre o autor de «Salomão e as mulheres» um titulo expressivo e moderno: «Esse Jorge de Lima!»

POR uma dessas manhãs de sol outomnal, fui visitar em o seu consultorio, na Cinelandia, o Jorge de Lima. Jorge de Lima...

Os meus leitores escutarão este nome com os olhos attentos... Será o poeta carinhoso dos "Poemas escolhidos"? Será o romancista de "Salomão e as mulheres"? O grande sonetista do ""Accendedor de Lampeões"? Sim, meus amigos. E' o mesmo Jorge de Lima, o medico que receita empólas de Bruneau e de Sandoz aos seus clientes, esse admiravel poeta de "Essa negra Fulô"!...

Tantos attributos num homem. Poeta, medico, romancista, ensaista, artista.

E tudo nelle são representações de alto valor. São expansões de verdade sem luxos de pedanteria ou artificios de composição. O medico vive dentro em a sua sciencia como um apostolo. O romancista faz a sua obra de psychologia na feitura intima das mais seguras observações. O poeta tem a commoção deslumbrada dos motivos mais simples, gravando a sua poetica em côres intensas de sentimento. O artista se revela em todas as faces da sua existencia, e rege os destinos do medico, do romancista, do ensaista e do poeta. Jorge de Lima veiu de longe. Veiu dos meus pagos nordestinos.

A sua poesia é toda feita em evocação da terra e dos costumes ingenuos daquellas Yayás amorosas, das Sinhásinhas que se espreguiçam nas rêdes cantando as canções tristes dos seus violeiros...

Não me surprehende a feição modernista dos versos de Jorge de Lima. Desde 1925 a sua musa sahiu do carcere do parnasianismo e começou a olhar o sol e amar a terra com uma emoção doida e incontida.

José Lins do Rego, um espirito brilhante de critico, assim refere: "Jorge de Lima tirou dez annos de prisão cellular. Porém chegou ao ultimo dia da pena ainda vivo de coração saltando aos primeiros contactos com a liberdade. E as impressões de quem se privou por tanto tempo do seu mundo só poderiam accusar muito interesse ao pittoresco das coisas: ali por onde damos passaramos sem um olhar criam um relevo delicioso á vista. Que diga Julien Sorel quando deixava o seu humido carcere para morrer. O sol pareceu-lhe como elle nunca tinha visto."

Assim Jorge de Lima. Creou novos mundos interiores e cantando as velhas paizagens com alegrias novas, de musa nova vestida de organdi ou cambraia de linho, perdeu seus brazões de sonetista requintado, de ourives da palavra e da rima. Nenhum esforço lhe custou essa mutação.

Tudo lhe vem como consequencias logicas da sua personalidade.

O poeta dos sonetos tornou-se o modernista, o mestre dos poemas simples. E o seu triumpho é sem igual. O medico provinciano, cuja clinica era das mais vastas na região onde habitava, resolveu um dia transferir-se para a metropole. Difficil a transição, diriam alguns. Deslocar uma situação quasi afortunada para tentar o imprevisto numa cidade onde ha milhares de medicos... E Jorge de Lima, o clinico que em Alagôas tivera uma população inteira de clientes, installado o seu consultorio no Rio, não demorou muitos mezes em vêr-se, novamente, tomado de affazeres profissionaes.

Fui encontral-o com a sala repleta de clientes. O milagre da

(Conclue na pag. 36)

CANDIDATOS A' CONSTITUINTE

O dr. Raphael Garcia Pardellas, medico e filho da terra carioca, é o unico candidato avulso, que se apresenta aos suffragios do eleitorado do Districto Federal, incorporando á sua plataforma politica a totalidade dos «itens» do programma da Liga Eleitoral Catholica. Pleiteando, nas urnas de 3 de maio proximo, uma cadeira de deputado á Assembléa Constituinte, o illustre candidato comparece deante do eleitorado munido de credenciaes, que o impõem á sympathia, á confiança e ao apreço do povo carioca.

A Comedia Brasileira no Municipal

Inaugurar-se-á na proxima terça-feira, dia 2 de maio, no Theatro Municipal, a temporada official de turismo, com a «premiere» de «Monna Lisa», uma nova peça de Renato Vianna, o dramaturgo illustre por tantos titulos, convidado especialmente para lançar a temporada. Está, pois, de parabens a nossa cultura, pela integração do Theatro Nacional no quadro social que lhe compete, como expressão da nossa mentalidade. O acontecimento é bastante significativo e deve ser calorosamente prestigiado pelos intellectuaes brasileiros e por todos quantos se interessam pelo renome da nossa cultura. Deve-se a brilhante iniciativa ao programma de acção patriotica do Touring Club do Brasil em accôrdo de vistas com a Prefeitura do Districto Federal. Esta pagina apresenta os elementos principaes da Comedia Brasileira.

Jayme Costa

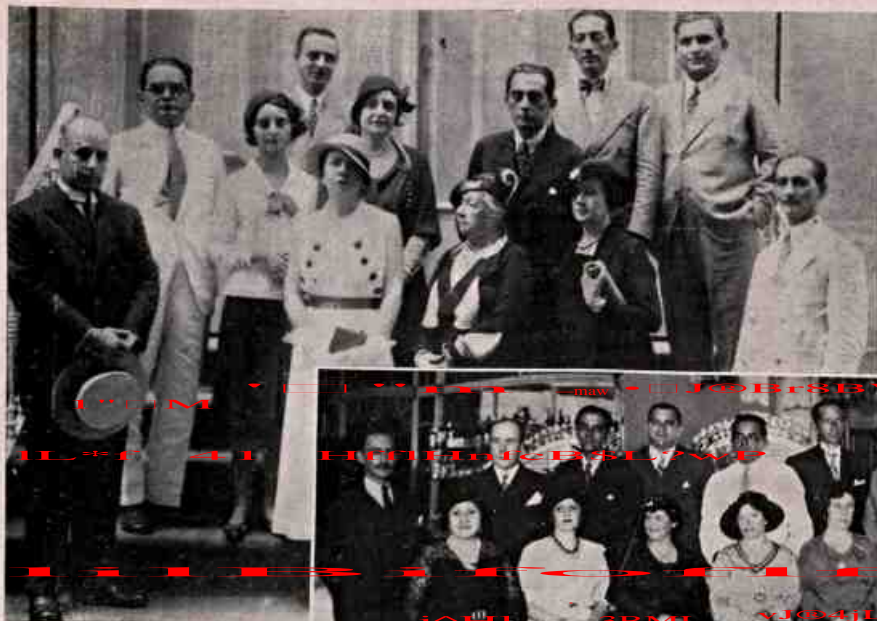
Renato Vianna

Lygia Sarmento

Olga Navarro

Lenita de Souza

Arlette de Souza

Os engenheiros civis da turma de 1912 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro commemoraram no ultimo sabbado o 20.º anniversario de sua formatura, fazendo celebrar, na igreja de São Francisco de Paula, missa por alma dos collegas e mestres fallecidos e reunindo-se num jantar de cordialidade.

PHILOSOPHIA DA VIDA

Poeta! Vive sómente para tua arte. Quanto mais soffreres na tua vida, mais grandiosa será a tua morte.

PAULO FREITAS

sua população de clientes se repete e se repetirá onde quer que se apresente o medico insigne. Será que ainda terei de procurar Jorge de Lima em Paris, em Berlim ou Nova-York, com uma vasta clientela a fazer concorrencia aos sabios mais notaveis do mundo? Quem sabe?...

Não me surprehenderei. Eu

TORRE DE BABEL (Conclusão)

acredito no talento dos grandes homens, principalmente quando os edifica o fogo excelso da fantasia e da arte.

Curando e consolando os seus doentes o medico é um artista delicado, procurando fazer-se rodear de cravos e rosas vermelhas que lhe adornam a mesa de trabalho.

Jorge de Lima faz versos lindos e prescreve receitas amargas com a mesma elegancia mental com que escreve um ensaio sobre Proust ou qualquer outro philosopho. E o medico, o romancista, o ensaista e o poeta, todos servem gloriosamente á arte e á belleza com uma admiravel devoção.

SYLVIA MONCORVO.

DO SOFFRIMENTO

Factos que, á primeira vista, se afiguram innocentes a quem os provoca contribuem, entretanto, para o soffrimento. Ha occasiões em que a palavra "parabens" é um insulto...

O soffrimento está na razão directa de certas organizações. Dahi o soffrermos em consequencia de situações por nós mesmos creadas.

A terra nos dá tudo e acolhe a todos, não obstante ser a maior soffredora.

O sentimento patriotico é o seu unico allivio.

Experiencia só se adquire com soffrimentos.

ALEXANDRE PASSOS

O Syndicato dos Auxiliares de Hygiene do Districto Federal, com séde á rua Senador Pompeu, empossou no ultimo sabbado, em sessão solenne de que offerecemos um aspecto no «cliché» acima, a sua nova directoria, recentemente eleita, e da qual fazem parte elementos de prestigio na classe.

Festejando a eleição do illustre historiador e educador dr. Rocha Pombo para a Academia Brasileira de Letras, o Collegio Baptista, de cujo corpo docente faz parte aquelle eminente vulto das letras nacionaes, promoveu uma brilhante festa de arte em homenagem ao autor da «Historia do Brasil». Do programma dessa festa, que se realizou no edificio Lowe, daquelle educandario, á rua Visconde de Cabo Frio, na noite de 21 do corrente, constou uma palestra do dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira e redactor chefe de FON-FON, o qual apparece, na nossa gravura, ao lado do dr. Rocha Pombo e entre directores e professores do Collegio Baptista.

Foi uma festa de grande significação o almôço commemorativo da Paschoa, em que se reuniram, sexta-feira, dia 21, os directores e numerosos irmãos da Ordem Terceira do Carmo. No almôço da penultima sexta-feira foi especialmente homenageado o escriptôr e nosso prezado e brilhante collaboradôr Benito Neves, o qual, em companhia dos srs. Francisco Cabral Peixoto, sub-prior, e José Marques, administrador, percorreu todas as installações daquelle hospital, admirando a bôa ordem, o asseio e a disciplina em toda parte reinantes. Em nome da directoria da Ordem Terceira do Carmo fez uso da palavra, saudando o nosso confrade, o sr. Cupertino de Miranda. Respondeu o escriptor Benito Neves, dizendo a sua magnifica impressão da visita que acabava de fazer, e louvando a acção generosa e christã do casal Cabral Peixoto em favor daquelle pio estabelecimento. Nosso «cliché» mostra um aspecto dessa linda festa, vendo-se á direita do homenageado a senhora Cabral Peixoto.

Flagrantes de uma das reuniões da «Semana da Alphabetização», que a Cruzada Nacional de Educação promoveu, nesta capital, com o apoio da imprensa e de elementos officiaes e da nossa sociedade, para a propaganda das suas nobres idéas em pról da alphabetização do povo.

O menino Decio, filho do capitão Gumercindo Martins Toledo e de sua exma. esposa, d. Maria de Lourdes Franco de Toledo.

O menino Nicoláu Cupello, que conta pouco mais de um anno de idade, e já está aprendendo a lêr para poder apreciar devidamente a revista da sua sympathia: FON-FON.

A ESPANHA ANTIGA

A Espanha, então, attingiu o que se póde chamar o mais alto estylo da vida: lealdade pura, fé ardente, grandeza ingénua, natural na sublimidade, harmonica de costumes nitidos e integraes. Ficou simples e forte emquanto dormiu sob a tenda, despertada todas as noites pelo anjo Azrael do Alcorão, que a fortificava, lutando com ella como o anjo de Jacob.

Com o turbante, essa virtude retirou-se della. Livre do mouro que a mantinha em estado de superexcitação enthusiasta, a Espanha recahiu gradualmente na preguiça de sua altivez e de seu clima. Mais tarde deitou-se no leito de ouro que a America lhe offereceu, amodorada e enervada pelo alisco que soprava do Perú. Esperando o galeão que a dispensava de trabalhar, accendia seu cigarro na fogueira dos autos de fé e meditava sobre o passado...

PAUL DE SAINT VICTOR

* * *

Um grupo de veranistas de Lambary.

FON-FON no cinema

SI EU TIVESSE UM MILHÃO...

(IF I HAD A MILLION)

Da PARAMOUNT

com Gary Cooper e George Raft

Uma contemplada pelo millionario e que, além do mais, era formosa.

JOHN GLIDDEN, magnata do aço, um dos mais ricos industriaes dos Estados Unidos, está a morrer. Mas ninguém se apieda do seu proximo fim. Ao contrario, nos escriptorios da sua poderosa empresa, os empregados coscovilham, reunidos em grupos, averiguando o que ha de verdade no boato corrente: a fortuna de Glidden será mesmo distribuida entre os seus auxiliares?

No solar dos Glidden já se apinham tambem os parentes proximos e afastados, aguardando se apague naquelle corpo a ultima centelha de vida, cada qual allegando melhor titulo para a partilha do bolo. E ninguem tem uma palavra de compaixão pelo moribundo!

Mas lá em cima, no seu quarto de

A este de nada servia o legado.

Gozando a vida com o dinheiro que não esperava.

Tempo perdido.

dormir, Glidden dá na hora de morrer a mesma prova de resistencia que deu no afrontar, no subjugar a sorte. E intimamente, secretamente, elle se ri de todos esses abutres que lhe desejam o fim.

De repente, pula da cama, com a idéa fixa de burlar todas as espectativas desses parentes que nunca o estimaram sinceramente, desses subordinados, entre os quaes não ha um só com qualidades para o substituir na direcção dos negocios. Munido de um livro de telephones, tira á sorte oito nomes de individuos inteiramente indifferentes á sua pessoa, mas que não lhe desejarão por certo a morte. Entre esses oito nomes distribuirá a sua fortuna em parcellas de um milhão de dollares.

Um milhão de collares vae ás mãos de uma rapariga que luta pela vida, num botequim de soldados e marinheiros.

Outro milhão toca a um caixeiro de uma loja de louças, cuja maior aspiração na vida é possuir uma criação de coelhos.

(Conclue na pag. 51)

A dama errante

DA FOX FILM

com Elissa Landi, Paul Lukas e Warner Oland

MYRA CARSON, joven e formosa dama ingleza, fôra expulsa de uma colonia britannica pela vida escandalosa que alli tivéra. Por esse motivo, vae fixar-se num acampamento allemão, na Africa Occidental, precisamente em plena guerra mundial. Nesse acampamento, está installado o

Era meu pae inexoravel.

Myrna não podia fugir á tentação.

official Eric Von Sydow, filho do commandante da policia militar do destacamento. Um fortuito encontro em um barco em que juntos faziam uma travessia faz que Eric se enamore perdidamente de Myra, querendo fazêl-a immediatamente sua esposa, mesmo sem saber coisa alguma do seu passado. Myra hesita, mas Eric convence-a que esse casamento lhe seria muito util, pois automaticamente a tornaria subdita allemã e deixaria assim a policia de a molestar.

O pae de Eric, que a todo custo procurára impedir esse casamento, fica enfurecido quando sabe que o mesmo já se havia realizado. Apesar disso, o barão von Sydow procura separar os conjuges. Eric recusa obediencia á vontade paterna e o pae, para se vingar, envia-o em uma missão policial para longe daquelle posto, tendo de viajar pelo rio insalubre, de aguas paludosas e mortiferas. O pae de Eric está convencido de que aquella mulher não acompanhará o filho para logares tão desertos. Enganou-se. Myra resolve acompanhar o marido.

Quando Eric se vê obrigado a afastar-se do seu novo posto por duas semanas, Myra fica desesperada e extremamente aborrecida. Naquelle pequeno destacamento só ha uma outra creatura de côr branca: o tenente Kurtoff, amigo intimo de Eric. Daqui resulta que, durante a ausencia de Eric, Myra e Kurtoff se sentem attrahidos por uma paixão invencivel. Kurtoff é um coração leal. E' amigo de Eric e procura, por isso, dominar a sua paixão. Mas Eric chega e sabe do amor em que ardem aquelles dois corações. O ciume desorienta-o e desespera-o ao ultimo extremo.

Surge, então, no posto, para inspeccionar, o proprio barão, que dispensa a Kurtoff todas as attenções, elogiando-o pelos seus admiraveis trabalhos de cartographia, que permittirão a entrada facil no territorio das colonias inglezas. E' então que o sargento Sydner, que não passa de um espião inglez, offerece dinheiro a Myra si ella lhe conseguir entregar os mappas de Kurtoff. Myra recusa aceder a esse desejo criminoso. Parte Myra de novo para a séde do posto central e então verifica-se que os mappas haviam sido roubados. Ao mesmo tempo Myra, já a bordo do navio que a levava, recebe uma importancia, que lhe manda o marido, e que é precisamente igual á que lhe offerecêra o sargento Sydner. E' detida por ordem do barão. O unico documento que a podia salvar era a carta do marido, mas essa elle a tinha rasgado. Ao comparecer perante o barão, surge-lhe, não o velho impertinente, que a odiava, mas um outro homem. Affirma-lhe que conhece a traição de seu filho, que acaba de suicidar-se. Pede-lhe que lhe entregue a carta que elle lhe escreveu. Myra confessa que a destruiu para salvar o marido. E assim ella se torna a criminosa, autora de um crime que não praticára, para que sobre a memoria do marido não caia a mancha de um crime hediondo.

Aquelle encontro fôra fatal para os dois.

A «estrella» cinematographica estava verdadeiramente apaixonada.

A Esquadrilha Perdida

«THE LOST SQUADRON»

FILM DA R. K. O. - RADIO

com Richard Dix — Mary Astor e Erich von Strohein

TREZ aviadores que participaram da grande guerra, capitães Gibson, Red e Wood, e um mecanico de aviões, Fritz, estão soffrendo as maiores e mais pungentes privações. Os riscos que arrostaram na conflagração, os desafios feitos á morte, os lances heroicos, — tudo isso não lhes rendêra senão algumas medalhas.

Essas medalhas, entretanto, pareciam estar reduzidas a um mero valor decorativo, por isso que não traziam o minimo beneficio aos «bandeirantes do ar».

Não têm recursos para a conquista de um conforto relativo; soffrem necessidades bem amargas. Além disso, a vida tumultuosa do «front» infundira-lhes no espirito o amôr pela aventura, pelo perigo e pelo movimento. Sentiam que um emprego banal, burocratico, não os contentaria. Para que fossem felizes, tornava-se preciso que encontrassem uma acção identica á que haviam desenvolvido no horror das linhas de frente, ou seja uma acção vertiginosa, dynamica, vibrante.

Os nervos excitados reclamavam os grandes remigios, as acrobacias electrizantes, as incursões intrepidas pelo azul.

Os quatro aviadores começam então a percorrer o paiz, tomados de angustia, e comprehendendo que estavam perdidos para as actividades pacificas, communs e monotonas. Foi ahi que Wood resolveu ir a Hollywood encontrar-se com sua irmã, Pelma. Em Hollywood elle encontra a «chance» buscada e se torna aviador acrobata.

Certa noite, os trez companheiros de Wood vão parar em Los Angeles e o vêem entrando num cinema para assistir á «première» de um film. Wood chama os amigos e começam a palestrar. Ha, então, o plano, logo adoptado pelos quatro, da for-

Havia de vingar o amigo.

mação de uma esquadrilha aerea para fazer acrobacias ante a «camera» cinematographica.

Dias após, entram em actividade sob a orientação de um director e productor extraordinario e irascivel. Esse director, que se chamava Von Furst, tinha a obsessão dos lances supremos; exigia dos aviadores as proezas mais temerarias; e não trepidaria em sacrificar uma vida para obter um grande effeito, uma scena de sensação.

Logo nos primeiros dias de trabalho, porém os quatro companheiros experimentam uma viva contrariedade. E' que Von Furst se mostra sombriamente enciumado com Gibson, pois este fôra namorado de Follette, a esposa do irascivel

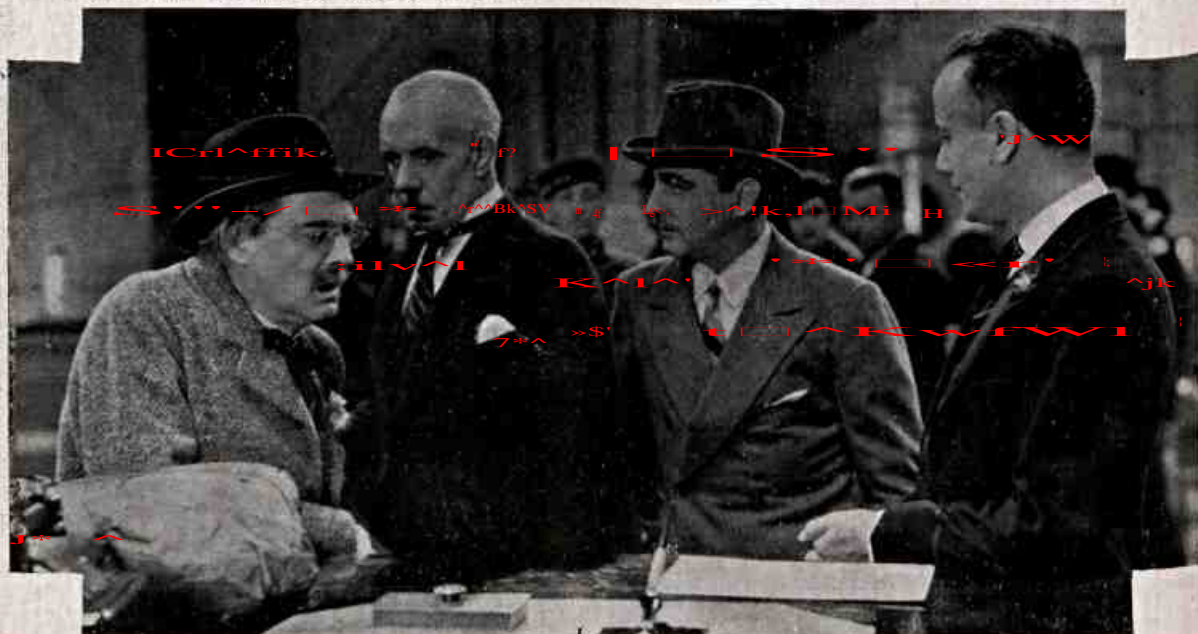
(Cont. na pag. 51)

Assassinado!

Grand Hotel

Producção Metro-Goldwyn-Mayer, com Greta Garbo, Joan Crawford, Wallace Berry, Lionel Barrymore e Lewys Stone

A porta de crystal do "Grand-Hotel" — um mundo de velludo e marmore — gira, gira sempre, recebendo hospedes e deixando passar outros que partem, com destino aos "grandes hotéis" de outras cidades, de outras terras... Num dos seus appartamentos vive Grusinskaya, a bailarina que se sente decadente e apaixonada, porque já não a applaudem e porque não ha no mundo quem lhe tenha amor... Alli vive Preysing, o magnata da industria, de Frederstorf, que se encontra em Berlim para realizar um grande accordo commercial,

Uma artista que vivia da saudade da gloria.

Este porteiro era um philosopho.

O ladrão ia apanhar.

de que depende o seu futuro... Em outro appartamento, mais barato, e cujo aluguel não é pago ha algumas semanas á gerencia do "Grand Hotel", vive o sympathico, insinuante, sempre galanteador barão Benevenuto Feliz Von Gaigern, cujo meio de vida não seria por elle explicado, com certeza, mas o que se poderia obter, entretanto, com o seu «chauffeur», cavalheiro de pessimos antecedentes... Também lá está Kringelein, velho guarda-livros de Preysing. Kringelein está muito doente, e os medicos de sua cidade natal disseram que poucas semanas de vida lhe restavam, e que o melhor seria elle embarcar para Berlim, em busca dos ultimos recursos da sciencia medica. Condemnado a viver apenas algumas semanas, chegando a Berlim, senhor de algumas economias, Kringelein decide viver os seus ultimos dias em meio de grande luxo, coisa que até então desconhecêra, e faz questão de ter um appartamento não inferior ao seu patrão, Preysing, a quem elle odiava... Mas chega ao "Grand Hotel" uma outra creatura para entrelaçar o seu destino com os que ahi citamos: é Flaemmchen, a dactylographa linda, fascinante, berlinense. Ella vae ao "Grand Hotel" para prestar seus serviços a Preysing, que necessitará dos seus trabalhos quando entrar em contacto com os industriaes que lhe facilitarão a grande operação commercial. Mas Flaemmchen tem outra opportunidade no "Grand Hotel": conhece Von Gaigern e por elle se apaixona. Mas Von Gaigern é um homem que não se

(Cont. na pag. 51)

Hermani de Irajá — SEXUALIDADE PERFEITA — Liv. Freitas Bastos — Rio — 10$

SCIENTISTA, literato, pintor, Hermani de Irajá é um nome de larga projecção na nossa sociedade.

Tendo iniciado a publicação de uma série de estudos de psychopathologia da sexualidade, o autor obteve desde logo um successo invulgar de livraria, a par do conceito elogioso da critica.

Este novo trabalho corresponde perfeitamente á finalidade a que teve em vista o autor, divulgando conhecimentos uteis, necessarios á vida dos esposos inexperientes.

Nelson de Araujo Lima — REMIGIOS — Rio — 1933

NÃO faltarei com a minha palavra de estimulo ao joven autor destes versos. A modestia da sua apresentação, pelo menos, desperta sympathias. E' um emotivo, que rima com naturalidade, sem o apoio de artificios inuteis, quando quer traduzir o que lhe vae nalma. Apaixonado da aviação, na primeira parte do livro canta a bravura dos heróes do azul, enaltecendo as azas gloriosas do Brasil.

Mas, indiscutivelmente, os derradeiros versos do volume são os melhores.

Da espontaneidade do seu estro, diz bem o soneto *Tarde outonal*.

Outono... Tarde triste... nevoa, bruma,
Nuvens cinzentas pelo céo cinzento;
Folhas mortas que cáem, uma a uma,
Vão rolando, tangidas pelo vento.

Paira na tarde triste o desalento;
E a subtil nostalgia que costuma
Encher os nossos corações de alguma
Cousa que augmenta o nosso soffrimento!

Outono... tarde triste... A natureza
Orfan do sol e cheia de tristeza
Vai como o véu da bruma se cobrindo.

Nuvens cinzentas, nuvens que apavoram!
As arvores da estrada todas choram,
E ha folhas como lagrimas caindo...

Mayne Reid — OS NEGREIROS DA JAMAICA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

E' o segundo volume que Reid fornece para a nova *Collecção Terramarear*. Enredo curioso, traducção excellente.

Armando de Oliveira — CIDADES SUBMERSAS — Edições Unitas — São Paulo — 1933

MAIS um poeta?! Eis a interrogação que fizemos, deante deste livro, manuseado com certa reserva... Porém, dissipou-se a duvida nossa após a leitura do soneto *A Fragata*.

Foge a leve fragata da esperança
pelo mar de sargaços do destino.
Vae tão longe, que a vista não alcança
o balouçar do vulto pequenino.

Vae calma como um passaro franzino,
na aguarella de um vaso de faiança;
leva no mastro um galhardete fino:
é o melhor dos meus sonhos de criança.

Lentamente, nas curvas azues, rola,
manchando as tenues palpebras do dia,
uma nuvem de purpura sombria...

E pela bruma, que do mar se evola,
vejo sumir-se a fragil bandeirola
do meu sonho de amor e de alegria.

Mais adeante, uma linda pagina, *Sertão*.

Cachoeira! tu és o brado de revolta
que o rio sertanejo, allucinado, solta,
tentando rebentar os grilhões de terra,
na humida prisão de matto que o encerra.
Tambem, ás vezes, num esforço sobrehumano,
como um sol amarrado ao dorso do oceano,
o homem ruge em vão no carcere da vida...

Creio que o leitor está habilitado a julgar, tambem, o novo poeta que surge sem ruido, dotado de uma bella intelligencia. O seu verso tem vibração, tem musica, encanta.

E' um livro para ser lido em meia hora, si tanto. Mas, quando chegamos á ultima pagina, não resistimos ao desejo de percorrêl-o novamente. E nunca mais podemos esquecer a *Oração ao vento*.

Vento, velho poeta vagabundo,
cujos versos resoam de leve na bruma
e na poeira das encruzilhadas do mundo!
Poeta louco que vive nas ruas escuras
da cidade irreal dos ultimos exilios...
Vagabundo divino, os versos que murmuras,
quando o anoitecer cerra os azulados cilios,
germinam no meu craneo como grãos de sons
e, flora musical de um paiz encantado,
rebentam numa orgia de canções em tons
barbaros...

Emilio Salgari — O PRISIONEIRO DOS PAMPAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

O apreciado escriptor italiano novamente apparece na *Collecção Terramarear*, com uma obra interessante, de grande sabor descriptivo.

Guy de Maupassant — BOLA DE SEBO — Edições Unitas — São Paulo — 3$

AS grandes casas editoras descobriram o segredo de fazer o livro barato, ao alcance de todas as bolsas. Aqui está este volume, reunindo alguns dos melhores contos de Maupassant, com razão considerado um dos mestres da *novella curta*.

A traducção de Lourival Bastos é bôa. O aspecto material, magnifico.

Rangel de Souza — VACILLAÇÕES — Graphica Modelo — Campos

O autor é um rapaz de talento, merecedor de sympathias. Os seus versos são simples, espontaneos, repassados de um doce lyrismo. Um livro que se lê com agrado.

Robert Louis Stevenson — A ILHA DO THEZOURO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

NESTA obra o autor procurou pintar com fidelidade os piratas inglezes. Para tanto, diligenciou reflectir, como um espelho, não só os costumes, mas, tambem, e principalmente, a sua maneira de dizer. A traducção de Alvaro Eston é um trabalho consciencioso.

Bertha de Suttner — ABAIXO AS ARMAS! — Flôres & Mano, edts. — Rio — 6$

ESTE livro da baroneza Bertha de Suttner foi escripto com o fim de combater a guerra e todo o seu cortejo de horrores; por isso mesmo, provocou grande interesse não só na Allemanha, mas tambem em toda a Europa.

Maior curiosidade despertou o livro quando a autora foi laureada com o premio Nobel, em 1905. Tratase, pois, de obra que dispensa recommendação.

Edgar Rice Burroughs — TARZAN, O FILHO DAS SELVAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

A famosa novella ingleza, que o nosso publico conhece através de um *film* de grande successo, acaba de ser traduzida para a *Collecção Terramarear*. Tratase de uma obra que dispensa recommendação.

Bertha Ruck — A LADRA — Comp. Editora Nacional — S. PAULO — 3$

CAIO RANGEL traduziu *The pearl thief* para a collecção denominada *Nova bibliotheca das moças*. A autora já é conhecida do nosso publico que leu o seu romance *A esposa que não foi beijada*.

W. Heimburg — A QUERIDA DO MEU CORAÇÃO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 3$

TRADUZIDO do original allemão *Die liebste meines herzens*, este romance apparece na collecção *Nova bibliotheca das moças*. São trezentas paginas, cuja leitura constitúe um suave prazer.

J. Ferreira da Silva — O DOUTOR BLUMENAU — Rio — 1933

NESTE trabalho, o autor traça o perfil do dr. Hermann Blumenau, o benemerito colonizador do valle do Itajay-assú. Oliveira e Silva, festejado poeta e homem de letras que todo o Brasil conhece, antes do livro, analiza e diz com justeza do mesmo: "Methodo util o do autor para nos revelar, explicar a energia creadora de Blumenau — o municipio mais opulento, o maximo emporio industrial e agricola de S. Catharina, onde, certa vez, Hermes Fontes surpreendera *as nupcias da natureza com o trabalho*. Em vez de, em molduras emfaticas ou cadentes verbalismos, prefere fixál-a o autor nas cartas intimas, no abandono das confidencias em que nos apparece tocavel, *á vista*, o amigo de Humboldt e Fritz Mueller." Realmente, o estudo biographico traçado pelo sr. Ferreira da Silva é digno de apreço.

> **YVETTE GUILBERT**
>
> **MES LETTRES D'AMOUR**
>
> Uma artista que foi amada pelos maiores artistas de seu tempo.
>
> Denoel et Steele
> Rue Amelie
> PARIS
>
> 1 vol. ill. .... 15 frcs.

Wilson Barrett — O SIGNAL DA CRUZ — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

ESTE volume da *Collecção Para Todos* apparece no mesmo instante em que é lançado o grande film da Paramount Pictures. No scenario de Roma desenvolvese a obra de Barrett, notavel por todos os titulos. E' de notar o esforço dos editores illustrando o volume com innumeras photographias das principaes scenas do *film*, novidade certamente do agrado dos leitores da conhecida *Collecção*.

ENCICLOPEDIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO — Liv. Globo — Porto Alegre

O terceiro numero desta magnifica revista, publicada sob a direcção de Emilio Kemp, da Escola Normal de P. Alegre, traz um interessante repertorio de trabalhos da maior importancia, impondose pela sua utilidade.

Mayne Reyd — OS NAUFRAGOS DE BORNÉO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

MAYNE REID forneceu á *Collecção Terramarear* uma novella magnifica de aventuras, que vae certamente empolgar o espirito dos nossos rapazes da bôa leitura.

Sax Rohmer — A VOLTA DO DR. FU-MANCHU' — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

NESTE livro o leitor encontra a continuação das aventuras do medico infernal que Sax Rohmer focalizou com a sua prodigiosa imaginação. O volume pertence á popular collecção *Para Todos*.

NOTAS DE ARTE

ORCHESTRA VILLA-LOBOS. — No Theatro Municipal, em a noite de lunedia, 2.ª-f., 17 de abril, realizou a Orchestra Villa Lobos o 1.º concerto da serie annunciada para a temporada deste anno. Sob a regencia do maestro que lhe dá o nome, ouviram-se: a 7ª *Symphonia* de Beethoven e *Tragedia de Salomé* de Florent Schmitt— só pela orchestra, e *Burleske* de Ricardo Strauss e *Rhapsodie in Blue* de Gershwin — para piano e orchestra, sendo solista Souza Lima (João de).

As peças de Strauss, Schmitt e Gershwin foram, pelo menos para nós, 1ª audição; não nos lembramos tel-as ouvido antes. De sorte que não pudemos apreciál-as bastante, mesmo segundo o criterio impressionista que é o destas chroniquetas, sem nenhuma pretensão á critica musical. Entretanto, causou-nos deliciosa emoção lyrica o trecho da TRAGEDIA DE SALOMÉ — *Os encantos sobre o mar*, e surprehenderam-nos certos effeitos originaes, embora esquisitos, de *Burleske* e *Rhapsodie in Blue*. O que porem a tudo superou foi a sempre e cada vez mais bella 7.ª *Symphonia*, sobretudo o *Allegretto*, que se não fôra a rapidez do andamento se poderia chamar *Adagio* pela melancolica poesia que delle reçuma. Se não é a mais bella é a mais commovente pagina da grande symphonia. Admittindo mesmo a interpretação de Wagner, chamando a 7.ª, a Symphonia da Dança, será o *Allegretto* dança tambem, mas dança longorosa e triste, choréa de saudade, no meio das danças alegres e tumultuosas dos outros tempos.

A 7.ª *Symphonia* e todos os outros numeros do programma tiveram condignos interpretes. O maestro Villa-Lobos pareceu-nos invulgar regente. Dirige realmente a orchestra. Absorve-se todo na sua ardua tarefa. Imprime a cada peça, a cada trecho a expressão, a vida que lhe é propria. A sua batuta é tambem instrumento da orchestra.

Não sabemos se illusão nossa ou realidade, o certo é que notámos se ter destacado, nas execuções orchestraes, um flauta, cujo nome nos escapa e que deu a sua parte especial relevo.

Souza Lima agradou intensamente pelo esplendor da technica, pelo brilho que deu ás duas peças mais ou menos abracadabrantes de Strauss e Gershwin.

Muito e justamente ovacionados todos os interpretes, Villa Lobos e Souza Lima receberam especiaes e enthusiasticos applausos.

SOUZA LIMA. — Inaugurando a série de concertos da Associação Brasileira de Musica, realizou o notavel artista patricio João de Souza Lima, no Instituto Nacional de Musica, em a noite de 20 de abril, um recital de piano, em que foi observado o seguinte programma, além dos *extra* — *Pastoral*, de Scarlatti, *Valsa* de Chopin e mais, se nos não enganamos, uma peça de Meaupou e outra de Debussy —: I) SCARLATTI — *Siciliana*; VIVALDI-BACH —*Concerto em dó maior*; WEBER, — *Moto Perpetuo*; II) CHOPIN, — *Impromptu op. 29, Grande Valsa, Mazurka, Fantasia em fá menor*; III) VILLA-LOBOS — *Cirandas* n. 8; MIGNONE — *Valsa elegante*, FR. VIANNA — *Dansa de negros*.

O festejado pianista brasileiro, se em tudo não nos produziu o mesmo grão de emoção, agradou-nos bastante na *Giga* do *Concerto* de Vivaldi-Bach, no *Movimento Perpetuo*, no *Impromptu*, na *Ciranda* n. 8, na *Dança de negros*, na *Pastoral* e acima de tudo na *Fantasia em fá menor*, que nos causou deliciosa e viva impressão.

Embora mais nos arrebate que nos encante, o admiremos antes como pianista de bravura do que interprete sentimental, a *Fantasia* de Chopin nol-o revelou integral: apreciámol-o tanto nos movimentos impetuosos do *agitato* como nos cantos lyricos do *adagio*.

O publico que enchia o grande salão do I. N. M. não se cansou de applaudir e pedir *extras*, que foram outros tantos motivos para novos e justos applausos.

ARTHUR RUBINSTEIN. — Em a noite de 21 e na tarde de 23 de abril apresentou-se de novo ao publico do Rio de Janeiro, um dos maiores pianistas contemporaneos e dos mais queridos e ovacionados pela platéa carioca — Arthur Rubinstein.

Além de meia duzia de *extras*, o grande pianista polonez executou estes dois programmas: A) CHOPIN — *Sonata em si maior, op. 58*; PROKOFIEFF, — *Preludio, Marcha em fá menor, Rondó* (1ª audição), dedicada a Rubinstein, *Suggestões diabolicas*; FALLA, — *Dança do Medo e Dança do Fogo*; ALBENIZ — *Evocação, Sevilha, El Albaicin, Triana*; — B) BACH-BUSONI, — *Tocata em dó maior*; BRAHMS, — *Valsa* op. 39 e *Rhapsodia*, op. 119; CHOPIN — 4 *Scherzi*; LISZT, — *Funerales, Soneto de Petrarca* e *Valsa de Mephisto*.

Arthur Rubinstein é um grande pianista, na plenitude da sua arte. O seu valor não se discute mais. O que não impede entretanto se lhe reconheçam bem ou mal altos e baixos nas suas grandes interpretações, conforme o gosto e o senso critico de profissionaes ou de leigos.

Assim para nós — simples chronista de impressões — a arte de Rubinstein é quasi inexcedivel nos effeitos de agilidade, de força, de bravura; ao passo que não é tão grande, nem sempre attinge á mesma grandeza, nos trechos em que o interprete deve cantar tocando. A execução da *Sonata* 58 foi exemplo vivo dessa affirmação. Embora nos parecesse bem tocado, o 3º tempo, o *Largo*,

não nos revelou toda a poesia que o esmalta; ao passo que o Final foi um deslumbramento. Não nos lembramos tel-o ouvido interpretado com maior, nem mesmo igual, força communicativa, com tão perfeita technica, tão emocionante expressão. Isso, porem não quer dizer que o grande pianista não nos tenha muitas vezes extasiado pelo encanto da expressão lyrica. Sob esse aspecto superou a tudo o Nocturno para mão esquerda, de autor cujo nome nos escapa, talvez, Prokofieff tocado em extra no 2º concerto. Os dedos de Rubinstein não tocaram, cantaram o poemeto musical.

Como quer que seja, parece-nos no emtanto que o famoso mestre do teclado se excede a si mesmo quando se faz interprete da musica essencialmente dynamica, da que se caracteriza pelos grandes effeitos de sonoridade, do que quando toca poemas sonoros, tauxiados de requintes de expressão sentimental. Embora grande interpretando Chopin, é maior tocando Liszt. Por isso mesmo, Arthur Rubinstein é incomparavel como interprete dos musicistas modernos, das compositores contemporaneos, como Falla e Albeniz, Prokofieff e Strawinsky. Por isso mesmo foi uma serie de primores a execução de todas as peças desses autores que figuraram nos programmas, especialmente *Suggestões Diabolicas*, *Dança do Fogo* e *Triana*.

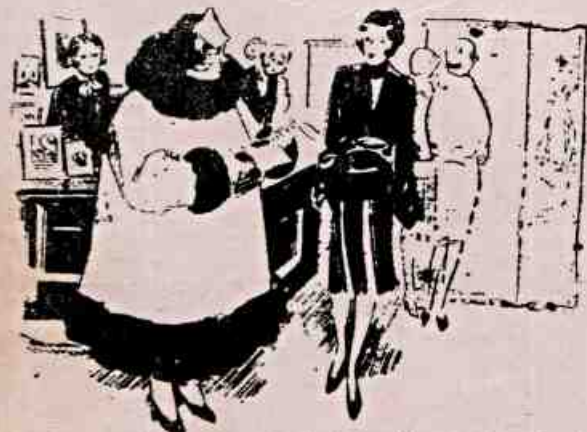
E' escusado dizer que o publico applaudiu sem reservas, pediu bis, exigiu extra. E o grande artista brindou o auditorio ansioso com bellezas novas, renovando-se os applausos, cada vez mais numerosos, cada vez mais enthusiasticos.

THEATRO JOÃO CAETANO. — Cedido pela Prefeitura em concurrencia publica á Empresa Viggiani, promette o Theatro João Caetano varios espectaculos para a actual estação de arte.

Ainda este mez estreará a Comedia Brasileira Musicada em que figuram os nomes conhecidos e queridos do publico, a actriz Margarida Max, a bailarina Chinita Uhlmann, o cantor Sylvio Vieira. Seguir-se-á a Companhia Lyrica Biloro e depois a de operetas Dembardi.

Ouvimos tambem que a Empresa Viggiani fará vir de novo ao Rio a interprete sem par da Poesia — Berta Singerman e o celebre pianista russo — Alexandre Brailowsky.

Dada a operosidade actual e os esforços tantas vezes empregados por N. Viggiani em promover a vinda á metropole brasileira de artistas de grande valor, como os da Companhia Lyrica Scotto, e a do baixo russo Chaliapine, e outros — é de esperar se realizem as promessas da Empresa Viggiani, para gozo do publico e lucro e louvor do empresario.

OSCAR D'ALVA

A empregada da casa de photographias. — Que deseja a senhora?
A freguezia. — Desejava que me fizessem uma ampliação.

CYCLO

Cantam, agora todas as fanfarras,
Em regosijo pela primavera...
Até minh'alma tem canções bizarras,
Porque meu beijo tua bocca espera.

Esse alvoroço que anda nos espaços
Traz, ao meu ser, estranha sensação.
E eu julgo estar, ás vezes, nos teus braços,
Revigorado pelo teu verão.

Recordo-me, depois, deste abandono,
Deste delirio, desta soledade.
E vae murchando, como flôr de outomno,
Meu lindo sonho de felicidade.

Mais tarde haverá gelo em meu caminho...
E eu, que julgára o teu calor eterno,
Terei apenas, misero velhinho,
As nevoas tristes do meu triste inverno.

HORACIO MENDES

O HOMEM QUE QUERIA SER PAE

A' hora em que os empregados do Ministerio deixavam o trabalho, Laurier, chefe de Luis Jabot, acompanhou este até a rua. Um ferimento de guerra deixára capenga Jabot, que andava apoiando-se em uma bengala. Vestido modestamente, pobremente mesmo, o empregado impressionava como um homem que vivesse fazendo heroicas economias.

— Estive hontem no consultorio do meu medico.
— Que te disse elle?
— Que não via em mim nada de extraordinario.
— Que grosseiro!...

— Amigo Jabot — disse-lhe o chefe. — Vacillei, antes de resolver-me a falar-lhe. Mas creio que cumpro com um dever. Seus companheiros são muito crueis. Ouço todos os dias as pilherias que fazem por causa de certas illusões que você conserva. E vejo, por outro lado as privações a que se submette. Perdôa-me que aborde um thema tão delicado?

— Oh, senhor! — exclamou Jabot. — O senhor me deu muitas provas de sympathia. Fico-lhe muito grato por isso... Vejo que não tenho a mesma educação de meus collegas e que sou, para elles, pouco menos que um velho. Suas pilherias não me incommodam, no emtanto. Comprehendo-as e tolero-as. No fundo creio que não me querem mal.

— Trata-se de coisa mais intima — explicou o chefe. — E já que comecei a falar-lhe deste assumpto, é preciso que lhe diga tudo... Entremos em um café. Quer? Ficaremos melhor que na rua.

Laurier sentou-se junto a Jabot, em uma pequena mesa do fundo.

— Você promette que não se offenderá si eu penetrar no dominio de sua vida privada. E' para seu bem que assim procedo...

— Não o duvido, senhor Laurier...

— Deixemo-nos de preambulos — disse Laurier. — Ou você tem confiança, em mim, ou não a tem. Si não tem confiança, demos por terminado este assumpto e falemos de qualquer coisa.

— O senhor inspira-me o maior respeito, senhor Laurier.

— Bem. Ninguem ignora, na repartição, que você viveu... certa aventura amorosa. Você sabe como são curiosos os rapazes de hoje. Um delles conhecia... a pessôa por quem você se interessa.

— Laura.

— Sim. Mas não se ruborize, amigo Jabot. Não lhe faço nenhuma censura. Você é um homem joven, sem parentes... Era muito natural... Além do mais, a solidão costuma ser muito pesada...

— E' exacto. Vivi algun mezes feliz..., sobretudo porque queria ser feliz... Não tenho dotes de conquistador, bem o sei. Não sou um *bom* rapaz nem um homem de espirito extraordinario... Mas soube amar... Em virtude de um acontecimento especial, Laura devia abandonar Paris e regressar a sua provincia... Essa separação significa uma grande dôr para mim. Mas se tratava da tranquillidade de Laura, de apparencias que convinha salvar. Os paes de Laura eram muito severos... Tive que sacrificar-me...

— Ella costuma escrever-lhe?

— Algumas vezes — ponden Jabot, com embaraço. — Meu pobre romance de amôr foi breve.

— Meu bom Jabot: você tem um coração de ouro. Apenas...

— Apenas que...?

— Apesar de seus quarenta e cinco annos, você conhece pouco a vida. Permitta-me continuar, e não se enfade. Creia-me: falo-lhe como amigo. Esse *acontecimento especial* de que você me fala consistiu no nascimento de um menino. Nascimento que lhe foi logo communicado. Nascimento produzido em circumstancias um tanto mysteriosas. A carta de Laura prohibia-lhe que corresse para junto de seu filhinho como seria seu desejo.

— Razões de prudencias determinavam aquella prohibição, senhor. Eu não podia comprometter Laura!

De Paul Ginisty

— Mas as razões de prudencia não existiam para o auxilio economico que lhe pediam, Jabot...

— Oh, o auxilio não podia ser negado! Eu não sou homem que fuja a responsabilidades!

— Certamente você foi sempre um homem com claro sentimento do dever. Permitta-me, porém, accrescentar mais alguma coisa: um pouco depois, manifestou você, em suas cartas, tal desejo de ver o menino, que Laura se viu obrigada a indicar-lhe uma pequena aldeia onde o garoto se encontrava. E você correu á casa da ama que cuidava do pequeno...

— Foi aquella a maior emoção de minha vida, senhor Laurier! Meu filho! Eu tinha um filho! Bello, forte, sadio!... Pense, senhor Laurier, que minha existencia estúpida conquistou, desde esse dia, um sentido: educar aquella criança para que não fosse, mais tarde, um pobre diabo como eu.

— E desde então economizou você sobre sua pobre, privando-se, não do superfluo, mas do imprescindivel, para enviar á senhorita Laura Paillot o dinheiro que ella considerava necessario para a educação do menino...

— Desse menino que é o unico laço que me prende á vida!

Laurier olhou, pensativo, Jabot, que parecia como que mergulhado em êxtase. Depois, com gesto instinctivo, estreitou a mão de seu subalterno:

— Arme-se de coragem, pois vae escutar toda a verdade. Ha dois annos que troçam de você para despojal-o do pouco que ganha! Essa mulher que está represen tando tão infame comedia, nunca teve nenhum filho!

— Mas... o menino que eu vi? — atreveu-se a balbuciar Jabot.

— Laura associou-se a um canalha. Essa criança pertence ao asylo de orphãos, e é filho de paes desconhecidos... Comprehendo que minhas palavras encerram uma revelação muito forte, Jabot. Mas eram necessarias para abrir-lhe os olhos... Era digno deixar que você se privasse de tudo se esgotasse, á custa de sacrificios, por uma mulher qualquer, sem escrupulos, que lhe estava sorvendo o sangue?

— Que?... — exclamou Jabot, ansiosamente. — Que? O menino, então...?

— Não é seu filho! Não é nada seu!... Deixe, pois, suas preoccupações, Jabot!... Viva sua vida, e não se sacrifique em vão!

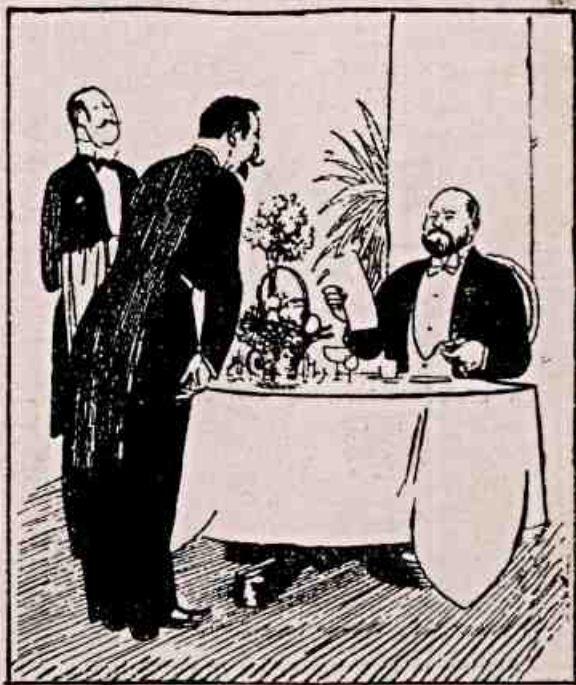
O rosto do empregado havia empallidecido, reflectindo tal perturbação, que Laurier se arrependeu de se haver expressado com tanta crueza. Suppôz, ao começar a falar, provocar protestos em Jabot ou suscitar duvidas. Não esperava encontrar-se deante daquella intensa expressão de dôr.

— Essa mulher mentiu-me! — disse Jabot.— Não importa... Mas, o menino?... Si o senhor soubesse com quanta frequencia eu pensava nelle, quantos projectos acariciava para seu futuro e quão dôce me era privar-me de tudo para que nada faltasse ao pequeno!... E agora o quer o senhor arrebatar-me essas esperanças, esses sonhos?... Que vácuo seria então minha vida!... Troçaram de mim. Reconheço-o. Fui um tôlo. Portei-me como um pobre infeliz... Seja. Mas a verdade, o que para mim tinha algum valor, era esse sentimento da paternidade. Sentimento em que se misturam tantas alegrias e tantas angústias. Sentimento que dominava todo o meu sêr...

Laurier objectou:

— Era uma illusão...

E Jabot, levantando-se, pôz termo á dolorosa conversação com estas palavras:

— Sem uma illusão, vale a pena viver a vida? Prefiro essa illusão ao vácuo de minha existencia. Ficarei com o menino! E o considerarei filho meu!

O freguez (de sangue real). — Vinte e cinco mil réis pelos morangos? Devem estar muito escassos este anno!
O «maître d'hotel». — Não são os morangos que estão escassos, altezu, mas os principes.

UM CONTO DE AMOR — Por Wenceslau da Silva Brandão

DEBRUÇADA na encosta do banco de marmore do jardim de sua casa, Guida esava abstracta, pensamento longe, talvez percorrendo o universo...

Assim a encontrou Victor, seu namorado.

O rapaz sentou-se ao seu lado e, osculando-a de leve na fronte, perguntou:

— Em que pensas, querida?

Tirada repentinamente de suas meditações, a joven arguiu:

— Em muita coisa...

E, encarando-o fixamente:

— Sonhei que tinhas outra namorada... Que me respondes?

O joven sorriu, e respondeu:

— Tolinha, não sabes que só a ti amo?

— Sim, os homens nos dizem sempre isso...

— Queres dizer que outro já te disse a mesma coisa, algum dia, não?—

retorquiu o moço, já de pé, e em tom sério.

E, vendo que a namorada nada respondia:

— Enganei-me comtigo. Adeus!...

E cabisbaixo, sahiu.

Vendo que elle se retirava, ella correu-lhe ao encalço, e, quando o joven se dispunha a sahir portão afóra, ella o segurou pelo braço e disse, fixando-o terna e apaixonadamente:

—Querido, não te vás... Disse aquillo impensadamente. Nunca amei a outro sinão a ti, bem o sabes...

Victor ficou immovel alguns instantes; depois, inesperadamente cingiu-a com os seus herculeos braços, e disse:

— Fizeste-me soffrer horrivelmente nestes instantes, querida...

E, apertando-a nos seus braços, trocou com Guida um longo e dôce beijo de amor.

MUNDO, ADEUS!

Aqui estou eu já transformado em poeira.
Melhor assim. Meus átomos, dispersos,
andam ahi nessa porção de versos
que andei sonhando em minha vida inteira.

Si eu em vida fui bom para os perversos,
que Deus me veja aqui de igual maneira,
que eu sou uma pobre alma brasileira
que a sorte castigou por fins diversos.

Eu fui a dôr do coração do mundo.
Hoje descansa aqui meus soffrimentos
no somno eterno deste chão profundo.

A solidão da morte me faz bem.
E' o refugio dos ultimos lamentos
de quem soffreu e amou como ninguem.

ESDRAS-FARIAS

GOTTAS DE IRONIA

Um sorriso para tudo. Lindo é o conselho do bondoso Alvaro Moreyra.

Quanto mais o homem vive, quanto mais fica sabendo. Tudo é assim mesmo. Vida cara? Nada de lamurias. Rosto tranquillo. Serenidade. Humorismo. Uma rosa florindo na lapéla. Um sorriso florindo nos labios. E' o sorriso que faz a vida linda.

Os sonetso estão sahindo fóra da moda. Elles eram muito usados nos tempos da valsa. Nestes tempos de *rouge* e de pernas descobertas acima dos joelhos, não se tem tempo para nada. Os romanticos estão se transformando em carangueijos e fazendo furor nas praias de banho...

* * *

"Verduras e Legumes". Lindo titulo para um livro de philosophia.

MAX YANTOK

QUERO!

DUAS syllabas, apenas, e, no emtanto, exprimem tanta coisa... Um desejo incontido de vencer, a supplica débil de uma criancinha ao estender os braços, pedindo uma boneca, a vontade de um enfermo em recuperar a saúde...

Tanta, tanta coisa póde encerrar esta simples palavra!

Quero! Anseio, vontade, desejo, todo um mundo de sonhos, de impossiveis chimeras!

Que infinidade de castellos não se erguem com ella! Cinco letras que traduzem a desmedida ambição do homem. Como é difficil tornar realidade este desejo! Quantos covardemente fogem e quantos fugirão ainda ante os immensos sacrificios, que se fazem necessarios para tornál-o realidade?

Que coragem não é preciso ter, ás vezes, para possuir o que se deseja!

E os que não têm coragem de querer?

Quero! Palavra magica, cheia de desenganos.

EILY ETIENNE DESSAUNE

A ESQUADRILHA PERDIDA

(Conclusão)

director e interprete suprema de suas producções. Offuscado pelo ciume, Von Furst trama a eliminação de Gibson. Para isso arma um plano sinistro. E, um bello dia, a gente de Von Furst ataca o avião de Gibson.

O apparelho, ferido nos motores, cáe no mar. Gibson, porém, salva-se por verdadeiro milagre. Follette, que assistira á scena, desmaia, vencida pela dôr.

Sempre na ansia de sensações e scenas fortes, Von Furst exige de Wood acrobacias quasi impossiveis. Numa dessas acrobacias, o avião soffre um desastre e Wood morre.

Gibson e Red, tomados de desespero, decidem punir o director responsavel pela morte do companheiro. Assim é que attrahem Von Furst a um «hangar» solitario, onde Red faz fôgo contra Von Furst. Este tomba, mortalmente ferido, expirando segundos após.

Afim de salvar Red de qualquer suspeita, e tornar ignorado o homicidio, Gibson leva o corpo do director para o seu avião e levanta vôo. A grande altura deliberadamente, precipita o avião em terra, causando, destarte, a destruição do apparelho e morrendo esmagado pelos motores.

Fica Red como o unico sobrevivente da esquadrilha. Impressionado com o fim tragico dos companheiros, elle resolve abandonar a profissão de acrobata aereo.

De tantas e tão pungentes sensações o que lhe restava era Pelma, a meiga e linda irmã de Wood. Pelma despertou-lhe na alma um amôr profundo. Torturados ambos pelos golpes da fatalidade, encontram numa mutua paixão o balsamo para as feridas da alma. Casam-se, e, pelo amôr attingem a felicidade suprema.

SI EU TIVESSE UM MILHÃO... — (Conclusão)

Parcella igual vae beneficiar um falsificador de cheques que a policia procura como reincidente nesse crime.

Um milhão de dollares vae caber a uma velhinha asylada de um albergue, perpetuamente revoltado contra a disciplina da casa e os seus antipathicos superintendentes.

Outro milhão vae parar ás mãos calosas de um marinheiro, que se acredita victima de uma *blague*, e joga fóra o cheque precioso.

Um milhão mais vae pertencer a um assassino a quem poucas horas separam da execução na cadeira electrica.

A mesma somma cáe do céo sobre um casal de actores cujo Ford, comprado mediante annos de economias, acaba de ser destruido, num accidente de trafico.

Um milhão de dollares será o quinhão de um humilde guarda-livros, que, durante mezes a fio, serve de alvo ás partidas irreverentes dos demais empregados da casa.

E assim como divergem essas personalidades, e seu ambiente e o seu espirito, assim divergem as suas reacções ante a fortuna:— traz ella a alguns a tragedia; a outros a frustação das suas esperanças, a estes, o romance que parecia irrealizavel, áquelles uma felicidade exuberante.

E quanto a Glidden? Que foi feito delle, após essa benemerencia em que o coadjuvou o acaso?

Glidden está agora mais longe do que nunca da morte. A sua philanthropia deu-lhe nova vitalidade, novas energias. Mandou o medico ás favas, mandou ás favas os advogados, e voltou á direcção da sua empresa para fazer mais milhões, novos milhões com que possa levar a outros um sorriso de fortuna...

GRAND HOTEL

(Conclusão)

[...]uer deixar prender por aventuras romanticas, porque elle é um ladrão, é um homem que, mais dia menos dia, seria preso. Era um rato de hotel — e é por isso que, certa noite, invade os aposentos da bailarina Grusinskaya — em busca das suas famosas perolas. Mas Grusinskaya chega, e, sem o ver, vae tomar veneno para acabar com a existencia. Elle surge de onde se escondera — e lhe impede o gesto. Diz-lhe que ali estava porque era um seu apaixonado. Ella acredita — e no dia seguinte, convencido já de que Grusinskaya era uma mulher admiravel, uma creatura infeliz que bem merecia ser amada — elle era, de facto, um seu apaixonado. Mas Von Gaigern confessa que é um ladrão. Ella lhe perdôa. E elles sonham com um futuro de felicidade. Mas a situação financeira de Von Gaigern é terrivel e elle precisa de dinheiro, por que os seus cumplices o exigem. Pedir a Kringelein — que se fizéra tão seu amigo, elle não ousa.

E vae, por isso, roubar uma carteira de Preysing. Este o presente em seus aposentos, ataca-o, lutam ambos, e Von Gaigern cáe, por fim, victima de uma arma de Preysing. Grusinskaya espera partir para Vienna, nesse mesmo dia, com Von Gaigern. Ignorando o que se passára, ella o espera até o ultimo momento, e parte, afinal, crendo que elle a encontrará na estação — porque ninguem lhe contára a tragedia. Flaemmchen sentese desesperada: morrêra Von Gaigern, o seu amor... Mas Flaemmchen fica com Kringelein, e com elle parte para outro "Grand Hotel", de Paris... E emquanto succedem essas tristezas, ha uma alegria para o porteiro Senf: sua esposa tivéra um bebé, na Maternidade... E junto á porta giratoria, de crystal, o dr. Otternschlag, hospede permanente do "Grand Hotel", murmura para si mesmo: "Grand Hotel... Uns chegam... outros partem... E a vida continúa... Grand Hotel!"

Mêdo

...
.

ÁQUELLA hora em que a passarada procurava de volta os arvoredos, a estrada que ligava a "Villa" ao sitio de Manduca parecia acordar de largo somno, num espreguiçamento estremunhado de felino.

Manduca, ao som monótono do chôto de um punga velho, seguia por ella, apressado, ansioso por ver-se em sua choça, antes de findar-se o dia, pois a sua credulidade infantil era povoada de duendes e animaes ferozes, que appareciam acobertados pelas trevas. E a noite cahia, devagarinho, sombria e triste. Elle, a se inquietar cada vez mais, fugia á escuridão, não poupando a cavalgadura, então molhada de suór, de crinas empastadas, que, em resfolgos barulhentos entremeados de relinchos, parecia protestar contra as esporas ferinas que lhe roçagavam o ventre sangrante, estancando de quando em quando como a advertil-o que assim não proseguiria na marcha.

Longe, o ruido de uma quéda dagua — *Quebra Pedras* — como a denominavam os moradores da cercania, e onde moleques abaçados, tostados pelo sol, se banhavam nús nos dias cálidos, com grande bulha, a receberem no dorso o chóque das aguas que se despejavam dentre duas pedras roliças e esverdinhadas de limo, produzia, naquellas mattas quédas, écos que se desdobravam, enchendo de terrôr o pobre caipira.

Em dado momento, a alimaria, de orelhas em pé, como a attender aquelle barulho que fazia tremer o chão, empacára.

Manduca, nervoso, com os olhos a girarem-lhe nas orbitas, esgazeados, não perdia accidente physico, ou capoeira nas abas da estrada. Tudo era de relance revistado. Elle fazia andar á roda o animal, suppondo que alguem pudesse estar atraz de si, e, numa attitude medrosa, ia repetindo baixinho o "Creio em Deus Padre"...

A lua, de dentro da matta, atirando de lá uma faixa muito branca de luz, ia desenhar no leito da estrada uma infinidade de figuras grotescas, que pareciam fazêl-a sorrir, ao passo que ao cabôclo enchia de medo.

Em casa, a mulher, sobresaltada com a demora do marido e conhecedora dos temores que o assaltavam quando acontecia á noite colhêl-o, desprevenido, na estrada, mandára o Tonico — o primogenito, rapaz sacudido, valente — ao seu encontro.

Para lá chegar, tinha elle que tomar por um atalho, contornar a fazendóla de Pae João, cuja filha, a Ignacia, namorava.

Ella, sempre que ouvia longe numa baixada, sua voz sonora e forte a cantar uma modinha qualquer, attendia-a pressurosa e contente.

Mas, naquella tarde, Ignacia, encostada ao batente da janella, tinha um olhar vago e triste, quando lhe appareceu Tonico. Assim que o viu, tomada de grande exaltação, pôz o dedo nos labios, como a ordenar silencio, acenando-lhe com a outra mão que se approximasse.

Pé ante pé, foi-se elle chegando depois de ter deixado a montada, numa curiosidade intrigada, que se fazia notar num franzir de testa, até ficar a dois passos della.

O crepitar de um fogareiro a carvão, envolto numa luz vermelha e mortiça, despertou a attenção de Tonico, que, levantando-se nas pontas dos pés, desconfiado, olhou para dentro. Lá, bem no meio da sala, estava o brazeiro, crepitante, a estalar, soltando pequeninas fagulhas. Nem bem retomára a posição em que se achava, disse-lhe Ignacia, muito supersticiosa:

— Tunico, já treiz vêis qui o fôgo chiá, da urtima, tár assuvlio deu qui disgraça tá pur ahi a acuntecê. Tenho medo! Aondi vai, Tunico?!

O rapaz pôl-a sciente de tudo. Ia em busca do pae, que devia encontrar-se proximo ao Riacho, nas vizinhanças da cachoeira.

O medico. — O senhor não tem temperatura, hoje.

O doente. — E' porque a enfermeira já m'a tomou.

— Tu núm vai, dizia Ignacia, pulo amô di Deus! Tenho um presentimento mau! Capêta anda pur ahi a sôrta i é capais di arguma!

— Quaesquê, N á c i n h a ! hôme cumo eu não atême nada... sumbração sum coizas qui num iziste. Medrôso qui vê sombra, á noite, num vê sinão a sua propria.

— óie, num vái!

E antes que Ignacia lhe dissesse mais alguma cousa, de um salto estava no outeiro a passar por cima do cavallo a perna direita, a dar de rédeas...

———

Depois de já ter cavalgado algum tempo, o rapaz, que até então se mostrára animado e corajoso, sentiu, de repente, um estremecimento, e, a seguir, uma lassidão de todos os seus musculos. Um torpor languido tornou-o somnolento, e pesavam-lhe as palpebras como si estivessem carregadas de chumbo. Semi-accordado, num estado já a tocar pela inconsciencia, parecia-lhe que o animal em que ia montado o levava de volta para casa. Em pouco delirava.

A noite tornára-se medonhamente negra. Uma materia inflammada vinha envolvendo tudo num ruido atroador. Seu cavallo, que havia abandonado, puzéra-se em fuga. Suando em bicas, distante um pouco de onde vira desapparecer o animal, num salto, como que impulsionado por possantes molas, ganhou um pequeno outeiro.

Tudo tremia em redor. Sêcca a garganta, a gritar pedia que lhe déssem agua. Copiosa chuva começa, então, a cahir. E elle julga ver que a pouco e pouco toda aquella materia se rarefaz até tornar-se num limpido regato. Farta-se de beber, e sempre a querer mais e mais... As entranhas pareciam queimar-se-lhe, produzindo-lhe dôres horriveis... Grossas bagas de suór corrpermlhe em fios pelo rosto. Seus olhos injectados, sem luz, deixaram de ver. Trevas...

A tactear, desceu o outeiro muito escabroso escoriando-se todo, o que muito concorria para augmentar suas dôres... Começou a perceber muito apagada uma confusão de vozes; abriu um pouco os olhos. Olhou em redor meio fóra de si. Estava estirado numa improvisada mesa operatoria.

A consciencia voltava-lhe, e, ao ver-se cercado de muita gente, ficou perplexo sem encontrar para tudo aquillo uma explicação.

Que seria?
Onde estivéra?

———

— Meu fio! — gritava o pai, perdôe... mi perdôe...

Afastaram-no dalli. O medico chegado da villa parecia esperançoso.

———

O pae, não o tendo reconhecido, quando elle se defrontou puxou de sua velha garrucha, deu ao gatilho, indo o projectil ferir gravemente o filho, seguindo sem olhar para traz até chegar em casa.

Ignacia, que não socegava, vendo chegar Nhô Manduco, a pé, puchando pelo animal, praguejando, perguntára-lhe si não tinha visto Tonico.

Elle, de olhos muito abertos, adivinhou logo tudo. Voltando ao local com toda a vizinhança, encontrou o rapaz fóra de si, a dizer incoherencias. Soccorrido, levaram-no para casa, numa rêde. Tinha que submetter-se a uma operação.

— Num disse — dizia, debulhada em lagrimas, Ignacia — qui disgraça istáva pur ahi a acunteçê... Num disse...

FIRMO PERESTRELLO DE CARVALHOSA

A J U D A N T E . . .

NOIVOS... não eram propriamente noivos mas, isto é verdade, namoravam-se e andavam doidinhos um pelo outro.

E por que não?

Albaplena, ou Menina, consoante era mais conhecida no seio de grande numero de amigas, fôra a graça palpitante, o mimo, a docilidade que encantam e a quem primo Francisco dedicava terno amor. O mancebo, a bondade em pessôa, de educação aprimorada na vida domestica, inspirava á joven delicado affecto.

Nunca houvéra absolutamente a menor dissensão, a mais leve desconfiança entre elles.

Uma vez, foram tomar parte num baile no Club Naval.

Baile é festa cruel para o namorado que não sabe dançar!

Elle, diziam todos, dançava mal. Ella, pelo contrario, era eximia nas danças.

Apresentada a elegante official de Marinha, conhecedor de todos os segredos da arte choreographica, tanto gostára de dançar com este, que do outro se esquecêra durante algum tempo, a ouvir, ao de leve enrubecida, ditos de requintada ternura.

Emquanto Menina, em seu talhe de gazela, irradiava belleza, recurvado, com expressão de profunda mágoa, pensava Francisco na represália.

E, por despeito, namorára outra menina.

Depois, os antigos namorados já se não falavam. Elle, o offendido, esperava que viesse a prima desculpar-se. Ella, a reconhecer o êrro em que cahira inconscientemente, tinha acanhamento de o procurar.

* * *

Sob a temperatura suave de excellente dia de outomno, na avenida Rio Branco meninas alegres e garrulas, senhoritas graciosas e delicadas, senhoras distinctas e gentis, em reboliço e borborinho constantes, andavam da rua do Ouvidor a Galeria Cruzeiro, ou faziam a volta pela Assembléa ou Sete de Setembro e Gonçalves Dias, formando ás vezes, por intervallos, deliciosos conjunctos. Ellas, certo, felizes, na mais santa, na mais doce naturalidade, espargiam flores dos lábios corados. Aos olhos curiosos mostravam trajando a capricho, a magnificencia das linhas encantadoras da belleza esculptural. Eram peregrinamente elegantes, adoravelmente discretas, visivelmente ditosas.

E nos olhares cheios de alegria, nos sorrisos de meiguice e bondade, no esplendor de tanta graça, na maravilha de tanta formosura; em tudo aquillo havia o producto de um trabalho feito com arte: a subtileza, a finura da maquillagem (1) em perfeita harmonia com o bom gosto.

Nesse consuetudinário passeio encontraram-se os antigos namorados. Olharam-se; não se falaram; e só Deus sabe a dôr sentida por aquelles dois corações que até hoje se querem muito bem.

Depois, já se não viam, ha muito tempo. Doente de saudades, resolvêra Francisco compôr e endereçar a adorada priminha um soneto em redondilhas.

Recebêra Albaplena a composição poética e chorára e cobrira-a de beijos ardentes.

Ao fim da tarde, fôra esperar a janella o eleito do coração, á hora em que noutros tempos costumava vêl-a. Não tardára muito surgir elle na esquina proxima.

O medico. — A dôr que o senhor sente na perna esquerda é devido á idade.
O cliente. — Mas, doutor, a minha perna direita tem a mesma idade, e, no emtanto, não me dóe nada.

Notações

A esposa vaidosa é contraste perfeito da virgula: esta permitte a respiração; aquella não deixa o marido respirar.

•

Nós somos como os pontos, que, na sua pequenez, morrem de inveja ao pé das maiusculas. O homem é um ponto...

•

O ponto de exclamação nos traz a imagem da sogra: sempre de cacete em cima do genro!

•

O "almofadinha" é uma virgula, isto é, um ponto disfarçado com um "pega-rapaz".

•

Um homem é um ponto, um "almofadinha", uma virgula: um ponto e virgula é um homem e meio.

•

Um homem é um ponto. Logo, dois homens! Não: uma citação!

De Hormino Lyra

Estavam visivelmente acanhados.

— Bôas tardes, Menina.

— Bôas tardes, Francisco.

— Como tens passado?

— Bem. Muito obrigada.

Começaram a palestrar sem recriminações, como si coisa alguma houvéra perturbado a felicidade delles.

* * *

Os paes de Albaplena traziam-na em assedio permanente, afim de ser evitado o namoro da filha com Francisco, pobre diabo "sem eira nem beira", e aconselhavam-na a casar-se com o capitalista por ella apaixonado.

Era muito grande a differença entre a idade do capitalista e a da senhorita sonhada por elle para lhe ser a esposa. Sim, era muito grande; não queria, porém, saber de conselhos de amigos, de conselhos de pessôa alguma: gostava da pequena e, désse no que désse, havia de possuil-a.

Emquanto com ella sonhava o capitalista, via a senhorita em sonhos o primo Francisco. O cérebro em trabalho voluntarioso, quando dormia a joven, imaginava scenas de muito agrado, nas quaes nunca figurava a personalidade estravagante do velho. Nunca.

E teimava o senhor em causa, e aconselhavam-na os paes, até que por fim accedêra mais aos desejos dêstes, do que condescendêra com os rogos do apaixonado cavalheiro. Emtanto, já se julgava este um grande general por ganhar tão difficil batalha.

Casaram... Lembramo-nos da quintilha em magnificos alexandrinos do excellente Vicente de Carvalho: "Tu, moça; eu quasi velho... Entre nós dois que horror..." Isso por ver casualmente na estrada "sobre um muro em ruina uma roseira em flôr". E a distancia entre os dois da quintilha é só de vinte annos, emquanto entre os dois deste conto, oh crueldade, excede de quarenta!

Casaram... E o que se mais déra, sabe-o toda a gente conhecedora do caso: o capitalista em absoluto não tinha energia de só palavra; e primo Francisco, sem cerimonia, mandava mais na casa do casal do que o proprio dono.

Albaplena era senhora de fraco genio a fingir animo forte...

Si toda pessôa fosse aquillo que diz ella ser, seria este mundo o melhor dos mundos.

* * *

Vae á residencia do capitalista respeitavel amigo seu em companhia de um socio daquelle e, ao observar a autoridade com que mandava primo Francisco na casa do outro, indaga á surdina, com ar severo, de semblante carregado:

— Quem é?

Sorriso ironico encrespa os lábios do socio, que tambem responde á surdina:

— Esse rapaz não sae daqui e está ajudando sempre nalguma coisa...

O informe do socio adoça as feições do rosto do visitante, e este remata:

— Ah! Já sei: é ajudante...

(Do livro inédito "No Reino dos Corações").

NOTA DO A.

(1) A referir-se um erudito professor de portuguez á inferencia de Scheler sobre a origem do franc. "maquiller", este de "masquillier", cognato do lat. "masque", lembra a fórma masquillar. Porém (é nossa a observação) ajusta-se melhormente a euphonia e em melhores condições accommoda-se ao uso dar-se-lhe feição portugueza por meio da graphia "mcquilar", com elisão do "s" médio, por já se achar assim algum tanto acclimado ao nosso idioma, adoptando-se consequentemente o substantivo "maquilagem" e incorporando-os ao léxico: tudo por falta de correspondente vernáculo e todos cognatos, com igualdade, do lat. "masque"!

A citação do amor, porém, é feita num só ponto: o beijo...

•

Os beijos são as reticencias do amor...

•

A mulher que ama, quando o seu querido lhe pede um beijo, corando diz que *não*; porém, por não dizer *sim* abertamente, põe sobre a negativa o til ás avessas! Só quem ama o entende! Esse til tem dupla expressão: pudor e desejo!

•

O ponto de interrogação é a notação negra; entre outras coisas tetricas, lembra, suspensa sobre o commerciante, a foice dos credores.

•

O parenthesis, segundo a propria fórma, elucida, dá a luz...

•

O circumflexo, segundo os meninos de escola, é um "chapéozinho"; de accordo com a propria palavra, todo "caréca" deveria usar meio chapéo.

João Ramos

UM DRAMA EM MONTE - CARLO

(SHERLOCK HOLMES --- POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Vamos, senhores, tomem os seus logares! gritou o conductor abrindo a porta de um compartimento.

— Sherlock Holmes! Sherlock Holmes! Onde está Sherlock Holmes? gritou neste momento um homem usando uniforme, percorrendo a gare.

Sherlock voltou-se para elle.

Nunca Harry tinha visto o seu mestre tão pallido, com o rosto tão alterado.

— Aqui tem Sherlock Holmes! disse o rapaz. O que lhe quer?

— Tenho um telegramma para lhe entregar, tornou o empregado.

— Dê cá, disse Harry, dando ao homem uma pequena gorgeta. Devo abril-o, senhor Holmes?

— Não, ainda não. Subamos.

Sherlock Holmes e Harry deixaram-se cahir sobre os assentos estofados. O policia pegou no telegramma com as suas mãos ossudas, e os seus olhos fixaram-se sobre o papel azul, como se quizesse penetrál-o.

O comboio poz-se em marcha. Entre os silvos da locomotiva e o ruido das ferragens sahiu da estação de Lyon, para se dirigir para o sul.

— Chegamos demasiado tarde, murmurou Sherlock com os dentes cerrados, Harry, chegamos tarde de mais, sinto-o. E comtudo é necessario que nos achemos o mais depressa possivel em Monte-Carlo.

Abriu o telegramma e leu com uma voz calma onde se não notava a minima surpreza:

"Sr. Sherlock Holmes. Estação de Lyon. Rapido Côte d'Azur.

"Lord Frederic Woodville assassinado no seu quarto 4 horas tarde.

"Venha immediatamente.

Nancy Elliot."

CAPITULO II

O ASSASSINATO DO HOTEL PARIS

Pretende-se por vezes que, em Monte-Carlo, onde o palacio de marmore da casa de jogo surge todo coroado de rosas e de palmeiras, a vida humana tem menos preço que em outra qualquer parte da superficie do globo: muitas vezes, com effeito, alguns desgraçados que se arruinaram no jogo, não têm na sua desventura outro recurso sinão o suicidio.

Não obstante, o assassinato de lord F. Woodville produzira uma profunda commoção.

Lord Woodville, por toda a parte onde apparecia, causava uma impressão inolvidavel. Ninguem podia vel-o sem o admirar e sentir o encanto da sua belleza viril, do seu aspecto amavel e cavalheiresco.

Tambem produzira sensação como jogador, pela negligencia caracteristica de um homem verdadeiramente rico, com que lançava e a indifferença com que as via levar pelo banqueiro.

No Hotel de Paris, era universalmente estimado não só pelos outros viajantes, que o viam ás horas do almoço e do jantar, mas tambem por todo o pessoal, desde o gerente até o ultimo criado.

Ganhara todos os corações pela sua benevolencia sempre sorridente.

A companheira do lord tambem excitara um vivo interesse.

Miss Nancy Elliot era de uma perfeita belleza, digna de attrahir tanto os olhares das mulheres como os dos homens.

A sua figura esbelta e elegante, a admiravel proporção das suas esplendidas formas, os cabellos louros fazendo contraste com o azul profundo dos seus grandes olhos sonhadores, a sua reputação artistica, emfim todo esse conjuncto de qualidades produzira muitos invejosos de lord Frederic Woodville.

Que miss Elliot não fosse a esposa, mas a amante de lord Frederic, isso tinha em Monte-Carlo, uma importancia secundaria.

Estava-se muito habituado a ver situações irregulares, para pensar em censurar esse facto á actriz.

De resto, ambos sabiam guardar o decoro indispensavel.

O lord tinha alugado no Hotel de Paris tres aposentos só para elle: um quarto de dormir, uma sala, e um gabinete de trabalho onde tambem fumava.

Quanto aos aposentos de miss Elliot, eram dispostos de modo que o boudoir da actriz communicava com a sala do lord.

Tinha mais um quarto de vestir, um de banho e uma deliciosa salinha.

A estima geral, com o interessante casal recebera recentemente a sua sancção na recepção de lord Frederic por S. A. o principe de Monaco, e subsequente introducção de miss Elliot no comité de organização dum baile projectado em favor do estabelecimento de uma estação de soccorros na costa de Monaco. Pode-se pois figurar que sensação extraordinaria,

corrente de interesse e de sympathia provocou a
lia que se espalhou em Monte-Carlo a 18 de
reiro, pouco depois das quatro horas da tarde:
d Frederic Woodville foi assassinado".

prefeito da policia de Monte-Carlo dirigiu-se acto
nuo ao hotel seguido por alguns dos agentes
habeis de que está sempre provida a casa de
Ridigiu immediatamente o processo verbal.

rd Frederic Woodville tinha estado precisa-
e nessa manhã na casa de jogo. Tinha jogado e
ara perto de 35.000 francos. Mettera descuida-
nte essa quantia na carteira, passeiara durante
n tempo e entrara ao meio dia no hotel.

guindo o conselho de Sherlock Holmes, o lord
levara comsigo os seus creados. Era um empre-
do hotel, rapaz particularmente experto, que
servia de creado de quarto. Ajudara o lord a
r-se, e á hora e meia lord Woodville entrara na
de jantar do hotel, dando o braço a miss Elliot.
çaram ambos de excellente humor.

viram-n'o discutir se haveria meio de empre-
o aquella esplendida tarde numa excursão ao
Martin. O lord porem lembrou-se subitamente
inha uma carta urgente a escrever, que o obri-
a subir aos seus aposentos.

ncy Elliot queixou-se vivamente deste contra-
o que a obrigava a renunciar a projectada ex-
o, e pediu em seguida á familia do coronel
ez Legardin, com quem travara relações no ho-
ara a acompanhar ao Cabo Martin.

esposa do coronel assegurou-lhe, da maneira
amavel, que teria um verdadeiro prazer em
essa excursão na sua companhia.

ncy interrogou o lord com o olhar, e este ac-
reconhecido o convite por ella.

joven de cabellos louros sahiu do hotel ás duas
da tarde, e dirigiu-se com a familia do coronel
a peninsula que das ondas azues do Mediter-
emerge e onde a ex-imperatriz Eugenia possue
villa magnifica.

retanto, o lord subira aos seus aposentos e ins-
a-se junto da sua secretária no gabinete de
lho.

tres horas e quarenta minutos, tocou e pediu
chavena de café.

O creado serviu-o, e, retirando-se, ouviu distincta-
o o lord fechar a porta.

Hotel de Paris não se notara nada de anormal.
se ouviu nenhum ruido, nenhum grito, não se
nos corredores do immenso hotel nenhum
aho, nenhum individuo que não pertencesse á

A's tres horas e cincoenta e cinco minutos o tele-
phone tocou no escriptorio do gerente.

Este correu ao apparelho, e perguntou quem falava.
Respondeu-lhe uma voz de homem:

— Suba immediatamente ao gabinete de trabalho de lord Frederic Woodville. Encontrará o lord junto á secretaria, assassinado.

— Prohibo-lhe semelhantes gracejos, exclamou o gerente. De resto, vou saber de que estação fala e mandal-o prender.

— Esteja certo que não se trata de um gracejo; lord Woodville acaba de ser morto com uma punhalada em pleno coração. Espero que tenha comprehendido. Cumprimentos.

O apparelho telephonico deu o signal de que a conversa terminara, e o gerente meio assustado, meio furioso, voltou a sentar-se á secretaria.

A conversa que acabava de ter logar não lhe deixara socego. Passados alguns minutos ordenou ao seu secretario, ao porteiro do hotel e ao creado que o acompanhassem.

Os quatro homens subiram ao primeiro andar onde o lord estava installado.

O gerente bateu á porta do gabinete de trabalho, mas não obteve resposta.

Bateu com mais força, e como não ouvisse ruido nenhum, tentou abrir a porta. Estava, porém, fechada por dentro.

Não obstante os seus esforços, o gerente não poude ver coisa alguma pelo buraco da fechadura.

Chamou o serralheiro do hotel, e mandou-o abrir a porta, o que elle effectuou sem difficuldade.

O espectaculo que se lhes offereceu era tão terrivel que os quatro homens ficaram um momento immoveis no limiar da porta, antes mesmo de poderem notar-lhe todo o horror.

Lord Woodville estava sentado junto da secretária. Tinha a cabeça inclinada sobre a mesa, os braços pendentes.

Uma verdadeira onda de sangue correra-lhe do peito pelas pernas, e formava um lago no chão.

As gavetas da secretária estavam abertas e achavam-se espalhadas pela mesa e pelo tapete varios objectos e algumas moedas de ouro.

— Deus todo poderoso! exclamou o gerente, é pois verdade! Assassinaram-n'o! Está morto!

Precipitara-se para o fauteuil, rodeara o corpo com os braços e endireitara-o. Mas um simples olhar ao rosto livido, ás feições decompostas, bastará para lhe mostrar que era inutil qualquer soccorro.

Mandou comtudo chamar os medicos, e antes de mais nada, fez prevenir a policia do que se tinha passado.

(Continúa na pag. seguinte)

O prefeito da policia de Monte-Carlo, acompanhado pelos seus agentes, compareceu immediatamente.

Entretanto, davam cinco horas.

Tinham deixado o morto na posição em que o tinham encontrado, e, segundo a ordem expressa do gerente, não se mexera em coisa alguma no aposento.

O gerente não teve que fornecer nenhum esclarecimento ao prefeito da policia sobre o actual estado civil de lord Frederic e da sua companheira: este funccionario conhecia perfeita a victima.

Sabia até que lord Frederic tinha ganho nessa manhã uma grande quantia ao jogo. Fôra informado neste ponto pelos seus agentes que, sob differentes disfarces, vigiavam os jogadores e registravam-lhes os ganhos e as perdas.

O prefeito, um homem de quarenta e cinco annos, alto e magro, de barba á Henrique IV, proferiu algumas palavras commovidas sobre a sorte de sir Frederic.

Em seguida, deu começo aos trabalhos, tentando descobrir aquelle mysterioso enigma.

Viu com prazer entrar o medico; necessitava de alguns esclarecimentos precisos sobre o ferimento.

— E' claro, disse este, depois de ter cuidadosamente examinado o cadaver, que o lord foi ferido com um punhal muito afiado, provavelmente com o que se chama um estylete italiano. A mão do assassino tocou certamente na cabeça do lord e feriu em seguida com a maior segurança. A lamina perfurou com certeza um ventriculo cardiaco.

— Com certeza, respondeu o doutor. Mas quando a lamina é retirada immediatamente, o sangue corre vivamente para o exterior. A abundante effusão provém tambem do facto do lord ter cahido para a frente, quando expirou. O corpo tomou portanto uma posição obliqua com respeito ao ferimento, e o sangue encontrou assim uma sahida natural.

— O director notou tambem que as gavetas não tinham sido forçadas, mas abertas com a chave que o lord tinha na algibeira do collete.

O assassino tinha portanto passado busca ao cadaver.

O movel do crime foi sem duvida o roubo? perguntou o medico notando o ouro espalhado pelo solo.

— Certamente, respondeu o prefeito de policia, porque, como vê além de alguns luizes que estão na bolsa do lord, que o criminoso desprezou, não podemos descobrir nenhuma importancia e está provado que o lord ganhou esta manhã trinta e cinco mil francos na roleta. O que não posso comprehender, continuou elle, meneando a cabeça, é a maneira como poderam introduzir-se no gabinete. O senhor gerente affirma que a porta estava fechada por dentro emquanto lord Frederic trabalhava no gabinete.

— Foi Bptista que o affirmou, disse o gerente, designando um rapaz pallido e fraco. Baptista, pouco antes do crime, trouxe uma chavena de café ao lord. Eil-a ainda aqui vazia sobre a mesa.

— Aproxime-se, Baptista! disse o prefeito, fitando-o com um olhar penetrante. O seu nome?

— Baptista Heulard.

— Ha muito tempo que está em Monte-Carlo e no hotel?

— Vim este anno pela primeira vez. Trabalho em Paris.

— Ha quanto tempo lhe pediu o lord o café?

Baptista reflectiu um momento e replicou:

— Talvez ha uma hora ou tres quartos de hora.

— A porta estava fechada quando quiz entrar?

— Estava; bati e o lord abriu. Entrei. Elle disse-me: Traga-me café e depressa.

— O lord, quando entrou, fez-lhe a impressão de estar tranquillo?

— Tranquillo?... Realmente, não parecia nada inquieto. Apenas me recommendou que voltasse immediatamente com o café.

— E quando voltou, a porta estava fechada?

— Estava.

— E quando se retirou, depois de ter deixado a chavena de café, o que se passou?

— Ouvi distinctamente do corredor que o lord, que me acompanhava até á porta, a fechara á chave.

— Emquanto esteve no gabinete, não notou nada de anormal?

— Nada.

As gavetas da secretária achava-se abertas?

— Posso affirmar que não.

— O que fazia o lord? Lia? escrevia?

— Tinha uma carta diante de si, tornou Baptista. E quando passei para collocar a chavena sobre a mesa, notei que a tinta estava ainda brilhante. Escrevia com certeza.

O prefeito da policia ordenou aos seus agentes que procurassem uma carta por acabar ou talvez já escripta.

Os policias começaram a procurar com zelo, mas sem resultado. Havia sobre a secretária grande numero de cartas antigas todas dirigidas de Inglaterra. Não se encontrou nenhuma escripta pela sua mão.

— Baptista enganou-se, disse o prefeito. O lord decerto lia alguma carta antiga.

Nesta momento, a porta do gabinete, que estava cheia de gente, abriu-se e Nancy Elliot, formosissima mas pallida como a morte, entrou no aposento.

— Meu Deus, o que succedeu? exclamou ella. As pessoas do hotel não me querem dizer nada, mas ouvi falar na rua de um crime — ouvi o nome de Frederic Woodville — Frederic! Ah! meu Deus! Está morto!

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.)... 48$000
Semestre (26 »)... 25$000

(Registada)

Anno... (52 ns.)... 70$000
Semestre (26 »)... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.)... 78$000
Semestre (26 »)... 40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.)... 115$000
Semestre (26 »)... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

82, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia., 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Dôres nas Costas

O exito de nossa cruzada contra DÔRES NAS COSTAS dev -se quas· exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Atrozes dôres nas costas, difficuldade para endireitar o corpo; juntas inchadas; os dedos que se deformam: mau gosto na bocca: noites inteiras sem dormir: todo este martyrio póde ser um indicio de que o excesso de acido urico está produzindo o terrivel mal chamado Rheumatismo. Tome cuidad emquanto é tempo

E' assombroso o numero de dolorosas enfermidades produzidas por impurezas que se acham no sangue, ou pelo excesso de acido urico. Este ultimo, sobretudo, póde ser a causa de dôres intensas, devido ao facto de se solidificar, e os crystaes assim formados têm arestas afiadissimas.

Durante mais de 40 annos os medicos têm conhecido e recommendado as Pilulas De Witt como um preparado que trabalha quasi que *immediatamente* sobre os rins e a bexiga, permittindo que estes orgãos desalojam as diversas impurezas que pódem achar-se no sangue.

As Pilulas De Witt devem seu exito ao facto de que combatem a causa principal de molestias taes como Dôres nas Costas, Rheumatismo, Sciatica, etc. Temos tal confiança em seus meritos, que offerecemos um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA a todos quantos o solicitem. Não tem V.S. mais que preencher e nos remetter o coupon abaixo e receberá um fornecimento para experiencia pela volta do correio. Não deixe de preenchel-o *agora mesmo!*

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Podem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Srs. E. C. DeWITT & Co. Ltd. (Depto. R154),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

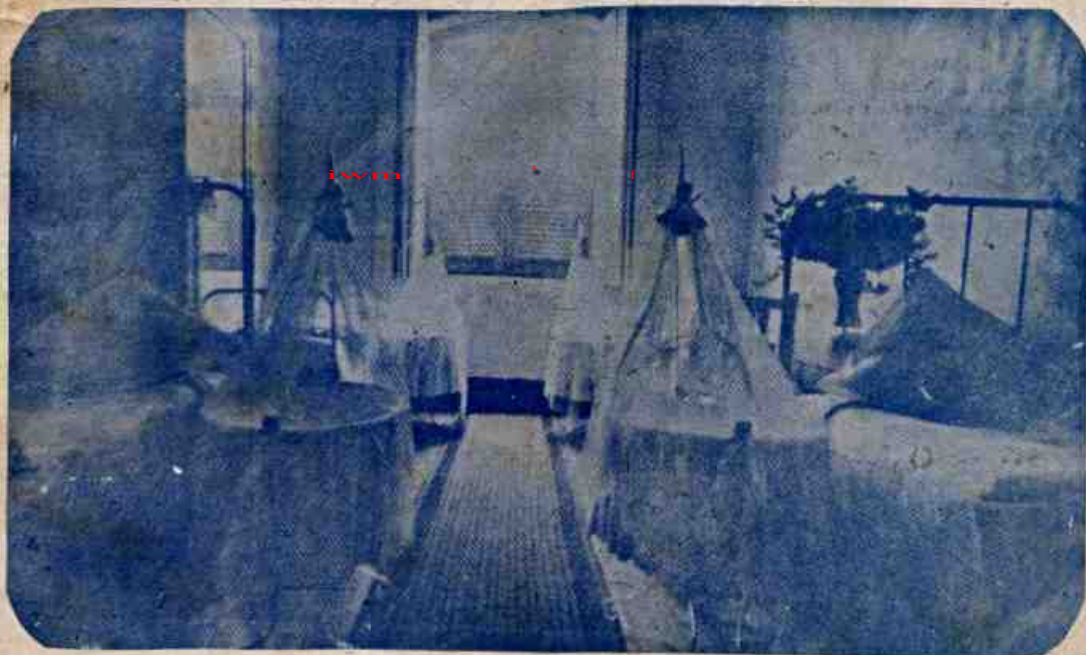
Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto, sello 20 Réis.

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 300$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TELEP. 2-1266

"FOX"

O PREFERIDO DO "GENTLEMAN"